

CURT METRAGENS PORTUGUESAS IV



FÓRUM LISBOA < > VIDEOTECA DE LISBOA



1204200220042002

N.4

12 A 20 DE ABRIL 2002





1 MOTIVO

projecto filme de nuno tudela



Sumário

Abril 2002

Direcção
ANTÓNIO CUNHA
antoniocunha@netcabo.pt

Projecto, coordenação, produção e catálogo
ILDA CASTRO
cinegood@clix.pt

Apoio
MANUELA SOUSA

Projectção
JOAQUIM MENDES, NUNO BRAZ

Mailing
ISABEL GUIMARÃES

Desenho Gráfico
JOÃO VINAGRE

Colaboram neste número
ANA BOLEMA, ABI FEIJÓ, CELSO JUNIOR,
CRISTINA PINTO, DANIEL BLAUFUKS, EDGAR PERA,
EUGÉNIA MOTA, FRANCISCO CAMACHO,
GONÇALO PRAÇA, HEITOR FONSECA,
ISABEL COLHER, JORGE ANTÓNIO,
JOSÉ MIGUEL RIBEIRO, LEONARDO SIMÕES,
LUIS FONSECA, MANUEL FERREIRA CHAVES,
MANUELA SERRA, MARIA JOÃO CRUZ,
MIGUEL SEABRA LOPES, NUNO TUDELA,
PAULO CAMBRAIA, PEDRO CALDAS,
PEDRO CASTRO SILVA, PEDRO SERRAZINA,
REGINA PESSOA, RUI POÇAS, SOFIA,
SOFIA PEREIRA, TIAGO GUEDES E VITOR JOAQUIM
e todos os realizadores e produtores dos filmes em exibição

Agradecimentos muito especiais
a todos os que participam nesta 14.ª edição



FORUM LISBOA
Av. de Roma, 14 L, LISBOA
t. 21 842 09 00
f. 21 842 09 29

VIDEOTECA DE LISBOA
Largo do Calvário, 2, LISBOA
t. 21 362 20 08/45 00
f. 21 362 32 38

com a colaboração da Federação Portuguesa de Cinema e Audiovisuais

Programa	0.05
Uma Videoteca... , por António Cunha	0.06
Tiago Guedes	0.08
Editorial , por Ilda Castro	0.09
Porque é que não falamos... , por Luís Fonseca	0.10
Fast Forward , por Daniel Blaufuks	0.12
Regina Pessoa	0.13
Curtas é curto , por Leonardo Simões	0.15
Tamanho e Atitude , por Maria João Cruz	0.16
José Miguel Ribeiro	0.18
Curtas, Curtas , por Vitor Joaquim	0.19
Curtas de Animação... , por Paulo Cambraia	0.20
O Muro , por Miguel Seabra Lopes	0.22
Pedro Caldas	0.28
Cinema de Animação na Escola , por Abi Feijó	0.29
Disco Mágico/Zootrope , por Ilda Castro	0.30
Uma Vez Alguém me Disse , por Sofia	0.34
Realizar uma Curta... , por Jorge António	0.36
As Virtudes das (Boas) Kurtas? , por Edgar Pêra	0.38
Filmes Curtos , por Rui Poças	0.39
Olfativa em Papel , por Ilda Castro	0.40
31 de Miguel Gomes	0.46
ACORDAR de Tiago Guedes e Frederico Serra	0.48
A BÍBLIA NA ARTE de Paulo d'Alva	0.50
CAIXA NEGRA de Nuno Amorim	0.52
COISAS & LOIÇAS de Sandra Santos	0.54
O DÉCIMO PUNHAL de Vitor Moreira	0.56
FIRIPE BEREBERU de Francisco Villa-Lobos	0.58
FLASCHENDREHEN de Eduardo Condorcet	0.60
FOTOCUIC de Arlindo Horta	0.62
FRAGMENTOS DE SAL de Cristina Teixeira	0.64
O FUNERAL de Jorge António	0.66
INTERSTÍCIOS de Marina Graça	0.68
LA REINE DU COQ-À-L'ÂNE de Jeanne Waltz	0.70
À MARGEM de João Carrilho	0.72
MASKEN de Eduardo Condorcet	0.74
A MENINA DOS MEUS OLHOS de Isabel Rosa	0.76
NO STANDING EXCEPT WIND de Rita Figueiredo	0.78
O NÚMERO QUE MARCOU NÃO SE ENCONTRA ATRIBUÍDO de António Duarte	0.80
POR ENCANTO – NOTAS DE OUTONO de Carmen Castello-Branco	0.82
QUE TENHAS TUDO O QUE DESEJAS de Pedro Caldas	0.84
TAXI de Isabel Aboim	0.86
VENUS VELVET de Jorge Cramez	0.88
CRÍTICAS	0.90

Os Olhos do Farol

um filme de Pedro Serrazina



Potencialmente o meu próximo filme, a ser feito em co-produção entre Porto e Londres. Conta a estória de uma rapariga e do seu pai, que vivem isolados numa ilha. É o mar que os une; justifica o dia a dia do pai como faroleiro, e brinca com a filha, traz-lhe objectos com os quais ela decora o seu universo, e simultaneamente desvenda pistas de um passado há muito esquecido.

Os Olhos do Farol terá uma técnica mista:

animação tradicional com personagens desenhados, e cenários compostos em computador, combinando o desenho na definição dos espaços e a imagem real (mar e céu), tudo texturizado de um modo uniforme.

Os Olhos do Farol têm neste momento 12 minutos em Animatic e esperam entrar em produção muito brevemente.

sexta 12.04 22:00

FRAGMENTOS DE SAL de Cristina Teixeira, 7', Betacam SP, anim., 2000

A MENINA DOS MEUS OLHOS de Isabel Rosa, Fic., 25', 35 mm, 2001

O DÉCIMO PUNHAL de Vitor Moreira, Fic., 24', 35 mm, 2001

À MARGEM de João Carrilho, Fic., 12', 35mm, 2001

sábado 13.04 22:00

TAXI de Isabel Aboim, Ani., 7'37'', Betacam, 2001

POR ENCANTO – NOTAS DE OUTONO de Carmen Castello-Branco, Fic., 5'30'', 35mm, 2001

VENUS VELVET de Jorge Cramez, Fic., 16', 35mm, 2001

MÁSCARAS/MASKEN de Eduardo Condorcet, Fic., 30', Betacam, 2001 (ante-estreia)

domingo 14.04 22:00

COISAS & LOIÇAS de Sandra Santos, Ani., 5'50'', Betacam, 2001

FIRIPE BEREBERU de Francisco Villa-Lobos, Fic., 18', Betacam, 1999

FOTOCUIC de Arlindo Horta, Fic., 24', Betacam, 2000

A BÍBLIA NA ARTE de Paulo d'Alva, Ani., 8', Betacam SP, 2001

O NÚMERO QUE MARCOU NÃO SE ENCONTRA ATRIBUÍDO de António Duarte, Fic., 23', Betacam, 2001 (ante-estreia)

sexta 19.04 22:00

CAIXA NEGRA de Nuno Amorim, 13', Betacam Digital, Ani., 2000

O FUNERAL de Jorge António, Fic., 18', 16mm, 1992

LA REINE DU COQ-À-L'ÂNE de Jeanne Waltz, Fic., 12', 35mm, 1999

VERDADE OU CONSEQUÊNCIA/FLASCHENDREHEN de Eduardo Condorcet, Fic., 15', Betacam, 2000

QUE TENHAS TUDO O QUE DESEJAS de Pedro Caldas, Fic., 12', 35mm, 2001

sábado 20.04 22:00

INTERSTÍCIOS de Marina Graça, Ani., 5'37'', 35mm, 2001

NO STANDING EXCEPT WIND de Rita Figueiredo, Fic., 9'30'', 16mm, 2001

31 de Miguel Gomes, Fic., 27', 35mm, 2002 (ante-estreia)

ACORDAR de Tiago Guedes e Frederico Serra, Fic., 28', 35mm, 2001

0.5

PROGRAMA

Uma Videoteca em crescente ocaso e que definha?

o. 6

No ano em que a Videoteca da Câmara Municipal de Lisboa cumpre 10 anos de actividade, é justo reconhecer — pelo menos — o esforço que temos feito no sentido de contribuir para que a produção de autores portugueses em geral, e a dos mais jovens em particular, tenha não só maior exposição pública como acima de tudo demonstre a vitalidade que lhe permita conquistar o espaço que lhe é devido.

Quando a Videoteca abriu as suas portas, em 1992, o Festival de Vila do Conde ainda não tinha nascido; a produção de curtas metragens portuguesas era nessa altura o que todos sabemos; o panorama do vídeo nacional era no mínimo insipiente; e quanto a Mostras e Festivais de “curtas”, de vídeo ou de ambos, também não vale a pena falar!

É evidente que não foi a Videoteca — de todo — que veio alterar esse panorama quase desolador que tornava bem actual um antigo *desabafo* do Fernando Lopes:

“Um País que não tem Imagem, é um País que não

se vê!”. É evidente que quem alterou esse panorama foram as pessoas, bem como a militância e o entusiasmo com que cada uma se empenhou nessa já muito assinalável transformação. Nós, na Videoteca, limitámo-nos a dar o melhor do nosso esforço. Um esforço felizmente reconhecido por quem conhece o trabalho que a Videoteca tem vindo a desenvolver durante estes 10 anos, discretamente e sem ânsias de visibilidade. Não o reconhecerá, talvez, quem desconhece esse trabalho, como foi o caso de um ilustre Crítico da nossa Imprensa que não hesitou afirmar num prestigiado diário que a Videoteca está em **crescente ocaso**, e a **definhar**!

Estará de facto em **crescente ocaso** e a **definhar** um Serviço da Câmara Municipal de Lisboa que teve, por exemplo, capacidade para criar e desenvolver um *Núcleo de Produção Audiovisual* que tem concretizado muitos documentários culturais sobre temas e pessoas relacionados com Lisboa e até com a nossa História e a nossa Cultura, como é por exemplo o caso do documentário sobre o poeta José Gomes Ferreira, exibido no programa *Artes & Letras* da RTP-2 ou o documentário sobre o centenário do Carro Eléctrico de Lisboa, há poucas semanas estreado no Forum Lisboa?

Estará de facto em **crescente ocaso** um Serviço Municipal que, além destes, realizou dezenas de outros documentários, como por exemplo sobre Irene Lisboa, Pedro Tamen, Bordalo Pinheiro, João Abel Manta, Aristides de Sousa Mendes, Santo António de Lisboa, Fernando Fonseca, a Central Tejo, bem como centenas de *vídeos* de características informativas e “spots” para televisão divulgando eventos culturais?

Estará de facto em **crescente ocaso** um Serviço que, para além de produzir e realizar os seus próprios documentários, apoia a produção de outros, como foi por exemplo o caso de *Dez Grãosinhos de Terra* (uma série de 4 episódios de 50 minutos cada, sobre a música e as gentes de Cabo Verde, exibida no Canal Muzzik e, mais recentemente, na RTP-2) ou *Com Quase Nada*, também já exibido na TV-2?

Estará de facto em **crescente ocaso** um Serviço que continua a organizar, há já vários anos, uma *Mostra de Vídeo Português*, caracterizada por uma óbvia determinação em contribuir para a divulgação da produção vídeo nacional, revelando novos autores ao lado dos nomes mais consagrados ou espreitando novas tendências a par das narrativas mais tradicionais, norteadas pelo mesmo conceito democrático exercido através de um modelo não competitivo e por isso rigorosamente livre dos

constrangimentos que inevitavelmente resultam de pré-selecções, prémios, modas ou mesmo gostos pessoais, apoiando depois a sua itinerância pelo País, como Aveiro, Santarém, Mértola, por exemplo?

Estará de facto em **crescente ocaso** um Serviço que, entre tantas outras iniciativas, organizou uma ampla *Mostra de Curtas Metragens Portuguesas em Paris*, que levou a cabo uma retrospectiva sobre *As Mulheres no Cinema Português*, que promoveu o ciclo *Topor no Cinema*, que organizou diversas *Mostras Monográficas* (desde Rui Simões a Edgar Pêra, por exemplo) passando pela apresentação, com a presença do autor, da obra completa de *Zbig Rybczynski*?

Estará de facto em **crescente ocaso** um Serviço cujo Núcleo de Produção, para além de produzir os seus próprios projectos, apoia ainda a produção de vídeos propostos por Jovens e por Escolas, apoiando até a produção de algumas primeiras obras?

Estará de facto em **crescente ocaso** um Serviço que tem organizado centenas de Ciclos Temáticos dirigidos aos Jovens e Crianças das Escolas de Lisboa, no mais das vezes acompanhados de acções de Animação Cultural através das quais procuramos sensibilizar os mais pequenos para a “arte das imagens em movimento”?

Estará de facto em **crescente ocaso** um Serviço que promove regularmente sessões para grupos de idosos, que escolhem os filmes que querem ver em cada sessão e os apreciam e tantas vezes debatem depois em conjunto? Estará de facto em **crescente ocaso** um Serviço onde tudo o que acima deixei referido como exemplo é tão somente parte da actividade que a Videoteca Municipal desenvolve, para além, ainda, de um funcionamento diário e ininterrupto entre as 10h00 e as 18h00, completamente gratuito, já utilizado e fruído por mais de 650.000 pessoas?

Finalmente: estará de facto em **crescente ocaso** e a **definhar** um Serviço Municipal que organiza anualmente esta Mostra de Curtas Metragens na qual procuramos exhibir todas as curtas produzidas em Portugal ao longo de cada ano? Ou será que por **acaso** desta vez vamos ser criticados pela decisão de apresentar produções em vídeo ao lado das produzidas em película?

A Videoteca faz 10 anos. Mas não é isso que neste momento mais nos entusiasma e motiva. O que mais nos entusiasma é saber que a estes 10 anos mais 10 se irão seguir. Com a mesma vontade, com a mesma militância, com o mesmo entusiasmo.

António Cunha
Director da Videoteca Municipal de Lisboa



Alguns detalhes *desta IV edição*

A exibição de curtas-metragens de ficção [profissionais] produzidas recentemente em suporte video.
A exibição do "Funeral", de Jorge António, um filme produzido em 1992.
A exibição de dois filmes produzidos e rodados na Alemanha por Eduardo Condorcet [versão legendada].
A exibição de um filme rodado em Nova Iorque por Rita Figueiredo [versão original].
A exibição do penúltimo filme de Jeanne Waltz, rodado na Suíça [versão original].
A ante-estreia dos filmes: 31, de Miguel Gomes (35mm), MÁSCARAS, de Eduardo Condorcet (Betacam) e "O NÚMERO QUE MARCOU NÃO SE ENCONTRA ATRIBUÍDO", de António Duarte (Betacam).
A exibição pela primeira vez em Lisboa dos filmes [em 35mm e 16mm] ACORDAR, de Tiago Guedes e Frederico Serra, O DÉCIMO PUNHAL, de Vitor Moreira, INTERSTÍCIOS, de Marina Graça, NO STANDING EXCEPT WIND, de Rita Figueiredo e dos filmes [em suporte vídeo] A BÍBLIA NA ARTE, de Paulo d'Alva, COISAS&LOIÇAS, de Sandra Santos, FIRIPE BERUBERU, de Francisco Villa-Lobos, FOTOCUIC, de Arlindo Horta.

Colaboram neste "catálogo revista número excepcional" Ana Bolema, Abi Feijó, Celso Junior, Cristina Pinto, Daniel Blaufuks, Edgar Pera, Eugénia Mota, Francisco Camacho, Gonçalo Praça, Heitor Fonseca, Isabel Colher, Jorge António, José Miguel Ribeiro, Leonardo Simões, Luis Fonseca, Manuel Ferreira Chaves, Manuela Serra, Maria João Cruz, Miguel Seabra Lopes, Nuno Tudela, Paulo Cambraia, Pedro Caldas, Pedro Castro Silva, Pedro Serrazina, Regina Pessoa, Rui Poças, Sofia, Sofia Pereira, Tiago Guedes e Vitor Joaquim.

0.9



Agradeço a todos e... boa diversão!

Ilda Castro

Porque é que não falamos de curtas-metragens quando falamos do primeiros filmes de Griffith? Quando pensamos em Buster Keaton a fugir montanha abaixo das suas noivas ou em Chaplin nas trincheiras pensamos que são curtas-metragens? Ou o pequeno-almoço do bebé, os operários a sair da fábrica Lumière, a cabeça daquele senhor barbudo a inchar exageradamente em cima da mesa? Dizemos que são curtas-metragens ou dizemos que são filmes?¶ Pergunto-me quem é que primeiro utilizou o nome "curta-metragem" para definir estes filmes, curtos na duração mas que por vezes contém em si todo o cinema.¶ Acho que não gosto deste nome. Parece-me um nome burocrático,

destinado a preencher formulários. Mas é provavelmente um nome adequado a estes tempos de gos-

PORQUE É QUE NÃO FALAMOS...

Luís Fonseca
realizador e dramaturgo

tos burocráticos e certinhos no qual estes filmes só têm hipóteses de ser vistos em festivais ou mostras de curtas-metragens – como esta e ainda bem; ao menos isso – como cartões de visita de realizadores que querem é passar a fazer "longas". Mas felizmente continuam a ser filmes, antes de serem "curtas-metragens". E é bom que continuem a existir, porque talvez um dia neles surja algo tão simples e importante

como o olhar de Lillian Gish ou um comboio a entrar numa gare.¶ É talvez uma esperança vã, mas é uma esperança em todo o caso.



0.11

No ano passado perguntaram-me o que pensava sobre a “geração curtas”, os novos realizadores de curtas metragens em Portugal.¶ A “geração curtas”, na minha opinião, não existe. Não é uma categoria como o neo-realismo italiano ou a nouvelle-vague francesa. O que junta estes realizadores não é um estilo ou sequer a idade, mas uma vontade de fazer filmes num país em que o cinema tem pouca tradição e quase nenhuma credibilidade.¶ Produzem-se mais curtas, assim como longas, quando há mais dinheiro. A vontade política, numa arte dispendiosa como o cinema, é essencial. Assim como o é uma crítica inteligente, capaz de apontar defeitos, mas também virtudes. Uma crítica serena, imparcial, com um entendimento justo da situação e que não se limite a escrever banalidades. Tanto a crítica eufórica como a crítica não construtiva são, para além de muitas vezes injustas, contra-producentes.¶ Não é fácil filmar em Portugal. Faltam argumentistas, actores, montadores, realizadores com experiência. Os encorajamentos são escassos, os orçamentos reduzidos, a distribuição quase inexistente.¶ Na sua maioria, as curtas-

metragens são primeiras obras e não são nem melhores nem piores do que primeiros filmes noutros países. O talento existe. Filmar é como fotografar. Quanto mais fotografo, mais seguro me sinto. Mas em Portugal não se aprende no anonimato das escolas, mas na prática e em público. Existem poucos espaços intermédios, alterna-

tivos, laboratórios de experimentação e de discussão. As curtas-metragens assumiram, em parte, esse papel. Mas não chegam e não são espaços físicos. E são necessárias ainda mais. Só um aumento da produção garante um aumento de qualidade.¶ Somos todos responsáveis, profissionais, amadores, políticos, críticos e público. Há que acarinhar, respeitar e compreender. Alargar os horizontes. Dar espaço para os artistas crescerem. Esquecer as falsas concorrências e perceber que, antes de mais, é preciso coragem e muita persistência para se fazer seja o que for neste país.¶ Em contrapartida, a inexistente “geração curtas” deve gastar película apenas quando tem algo para dizer, algo que valha a pena ser dito. E então sim, que o diga com a melhor voz possível.

FAST FORWARD

Daniel Blaufuks
fotógrafo e realizador



0.13

LUZ E SOMBRA

próximas produções



FIGURAS LIVRES

CURTA METRAGEM DE

Pedro Caldas

FINANCIADA PELO ICAM

(EM PREPARAÇÃO)

A CASA DAS HISTÓRIAS

CURTA METRAGEM INFANTIL DE

Carmen Castello- Branco

FINANCIADA PELO ICAM E CO-PRODUTORA PELA RTP

(EM PRÉ-PRODUÇÃO)



Luz Sombra – Rua da Sociedade Farmacêutica, 40 2ºC 1150-540 Lisboa Tel. +3512133551132 Fax: +351213382589 e-mail: luzsombra@mail.telepac.pt

Não sei como surgiu a ideia de fazer curtas, nem se é um género interessante de cinema. Lembro-me que na escola de cinema só podíamos fazer curtas.¶ Fazer uma curta é diferente de fazer uma longa, quem faz uma curta não tem de fazer forçosamente uma longa.¶ Se perguntarmos a um técnico de cinema, ele dirá que fazer uma curta é exactamente o mesmo que fazer uma longa. O "peso" da câmara é o mesmo, levanta-se para trabalhar à mesma hora e as horas de trabalho são as mesmas. Se não estiver atento à produção, corre o risco de fazer horas extraordinárias sem ser pago.¶ Para um realizador pode ser o primeiro trabalho e finalmente a oportunidade de fazer cinema por isso é um grande momento. Se já não for o primeiro filme, dirá que está farto de curtas, quer fazer uma longa.¶ Um

CURTAS É CURTO

Leonardo Simões

Director de fotografia e produtor

produtor diz que se ganha menos dinheiro e por isso tudo tem de ser mais barato.¶ Para um actor o papel é sempre pequeno, não tem possibilidade de desenvolver uma grande personagem.¶ O distribuidor, nem quer ouvir falar em curtas porque dão o mesmo trabalho a promover que uma longa e não se ganha tanto.¶ Um exibidor dirá que o espectador não paga bilhete para ver curtas. Se a sessão de cinema tiver uma curta antes, fica muito longa e a receita é a mesma. Mas pode ter 8 minutos de apresentações mais um ou dois anúncios comerciais.¶ Para todas estas pessoas uma curta pode ser também uma ocasião de trabalhar e fazer pelo filme de um amigo e contribuir para que ele se torne realizador. É muito triste uma curta-metragem ser pensada assim.

O tamanho não interessa!¶ Na categoria das *Grandes Mentiras do Mundo*, esta recebe cinco estrelas e meia!¶ O tamanho interessa... e muito! E o tamanho até pode ser, sim senhor, sinónimo de qualidade!¶ Porque não? Ou será que tudo o que não é enooooooooorme é forçosamente mau?!¶ É que se no sexo, é justo achar que as curtas são para esconder e, sobretudo, evitar, já no cinema não há nenhuma razão válida para haver tanta vergonha e acanhamento. (A não ser que, além de pequenina, a coisa seja mesmo um desagradável desperdício de celulóide.) ¶As curtas raramente se mostram. Ficam escondidas como se fossem filhos mal-amanhados, rejeitados pela sociedade, cuja única esperança de compreensão e apoio reside numa ou outra acção de solidariedade com nome pomposo tipo “mostra”, “ciclo” ou “festival”. Ninguém as quer! São restos de colecção, nem sequer têm direito a figurar no novo catálogo. Vendem-se a cem em época de saldo.¶ As curtas nunca se assumem. E quando se assumem é em voz baixinha, protegidas por desculpas Modelo A: “surgiu esta oportunidade...” “não se arranjou subsídio para a longa”... “tem de se começar por algum lado...”¶ Os filmes tamanho mini são sempre vistos como obra de segunda linha, manobra de recurso para não se ficar parado ou, na melhor das hipóteses, como estágio não remunerado para o grande projecto que, um dia destes, conseguirá sair da gaveta. ¶E a curta é sempre uma coisa que quer crescer, que tem vergonha de ter nascido e que, no fundo, o que gostava mesmo era de ser longa, muito longa metragem. ¶Não há vontade de continuar e

TAMANHO E ATITUDE

Maria João Cruz

guionista

melhorar o género, de desenvolver, de experimentar, de procurar novos caminhos. As curtas não se discutem. São curtas... e pronto! coitadas!¶ E todos temos culpas no cartório. Não há inocentes. Sobretudo nós, espectadores, somos culpados por nos arrastamos para as salas de cinema, em pose de bom samaritano, para aplaudir os pobrezinhos e dar uma mãozinha aos desgraçadinhos. Também não temos coragem de exigir mais qualidade, mais quantidade e, por favor, uma melhor estratégia de produção, distribuição e exibi-

ção!¶ Exibimos o slogan “Ai, que mal que o cinema está em Portugal” mas não pegamos por ponta nenhuma. Estamos de megafone em punho mas passamos a bola da acção concreta a outro. E o outro está-se a borrfifar!¶ É certo que as coisas estão bem melhores. Mas ainda não estão bem. Algumas batalhas foram ganhas mas avançou-se muito pouco no terreno. Ainda está tudo com medo de sair das trincheiras. O moral das tropas

continua em baixo.¶ Se calhar é tudo uma questão de atitude, de não ter medo nem embaraço das curtas. É preciso apostar, sem ter medo de perder. Acreditar que ser curta, não é defeito! É feitio, é virtude... é estilo!¶ E por falar em estilo e atitude, a Mary Quant ganhou a vida a fazer curtas. Se calhar, inventou-as por falta de pano. De certeza que não as inventou por medo de se aventurar na difícil tarefa de criar uma saia comprida. Arriscou e conseguiu que a sua obra fosse estrela de colecção.¶ Como? Atitude. Nunca receou as coisas pequeninas. A única coisa de que teve mesmo medo foi das... vistas curtas.



0.17

Um dia vou crescer...
os meus braços vão esticar-se
o meu corpo vai alongar-se
e as minhas pernas serão tão
altas que as pessoas dirão:

Onde é que já se viu
uma curta assim!



José Miguel Ribeiro
Realizador

DIVAGAÇÃO#1 O que significa falar de curtas metragens? Obviamente, de imagens animadas cujo tempo de duração não ultrapassa os cinquenta minutos e em média se caracteriza por uma duração entre os cinco e os vinte minutos. Ou será entre os sete e os vinte e cinco? Há quem diga que uma boa curta deve ter entre nove e doze minutos. Na realidade, há um festival de curtas que se chama do Minuto. Neste caso, curtas até um minuto. Portanto, um pouco menos do que as estatísticas indicam como média de produção.

DIVAGAÇÃO#2 Consideremos agora o nosso rectânguloz-inho chamado Portugal. Como ponto de partida, convém nunca nos esquecermos do velho ditado: rectângulo onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão. Assim, da mesma forma que Deus criou o homem à sua imagem (para os crentes), também as curtas foram criadas à imagem das longas. Que é como quem diz, à sua sombra. E como em tudo, houve os que se souberam libertar e os que quiseram deixar seduzir. Na realidade, o grande desejo não era ser seduzido mas poder seduzir. Surge o conceito de investimento. Investimento na proximidade, investimento nas cartas de apreço, enfim, vem nos manuais: investimento no subsídio. Diria deste fenómeno que o criador com “c” pequeno, em vez da libertação, procura antes a prisão. Na verdade, aquilo que parece uma benção (quando o júri está de feição) acaba por se transformar

numa maldição. (e ultimamente, parece que tudo acaba em ão! aquela entoação que nos vem coração !!!!!) Que levante a voz o primeiro a quem sobrou dinheiro numa produção. Diria mais, o primeiro que não tenha enterrado um tostão (no singular para voltar a rimar) e esmolado uns favores a actores, técnicos e outros que mais. Pergunto: para quê? Vender hoje o cú para amanhã ter umas cuecas que o protejam. Triste destino! **DIVAGAÇÃO#3** Mal entendidos e equívocos. Quando alguém pensa em fazer uma curta em Portugal, em regra o seu grande objectivo é poder vir a fazer uma longa metragem. O erro é base e pior do que isso, vai-se ampliando. A curta funciona como uma zona de pré-aquecimento que antecede a (eterna) expectativa da atribuição de um apoio a uma longa metragem. Aposta-se primeiro na experiência menos dispendiosa e como o júri é rotativo e em geral gasto e cansado, a coisa um dia acaba por dar frutos. Sendo que de tanto esperar, o fruto apodrece. Ora bem, esta realidade por mais que a queiramos ignorar, acaba por ser a realidade domi-

nante e nesse sentido, a principal promotora de um permanente impasse. Muito simplesmente, porque a essência e forma das curtas nada tem que ver com a essência e forma das longas. Uma curta, pode viver de um pequeno nada. Eu não explico. As curtas não precisam de viver neste mundo de significações. **DIVAGAÇÃO#4** Numa altura em que toda a gente se bate por um miserável subsídio, a salvação das curtas – à semelhança das longas- poderá pois residir num outro ponto que não o puramente financeiro, isto é, nas novas tecnologias de registo, edição e processamento, e suportes associados (dat, mini-dv, Pro-Tools, Premiere, Director, Vegas, vídeo, etc. etc.). Diria mesmo que a própria sobrevivência do actual cinema terá que passar inevitavelmente por um redimensionamento dos projectos, e por um movimento do tipo regresso às origens. Por mais que se odeie o projecto *Dogma 95*, a verdade é que ele veio questionar (para os que conhecem os seus princípios – pesquisar *Dogma 95* na net) de uma forma muito

clara e objectiva a problemática do relacionamento do criador com o produtor (financiador ou não). Ao recusar meios de produção que possam pôr em causa objectivos fundamentais, por mais dispares que possam parecer, o projecto *Dogma 95* ergue uma bandeira em território inimigo quando não seja, pela sua própria determinação. E a sua principal virtude reside mais no exemplo (a repetir ou melhorar) do que

nos filmes resultantes (acabados e inalteráveis). Pergunto: não poderiam as curtas em Portugal usar o mesmo sistema operativo? Fazer o resultado da obra depender mais do talento do que duma eventual possibilidade de existência através de uma hipotética e ridícula atribuição financeira que afinal não vai dar para nada? Recriando uma expressão vulgar: – esta merda, afinal não dá nem para fazer metade do filme como deve ser! E andámos nós a trabalhar nisto durante dois anos!... **APELO#1** Vá lá rapazes, não esperem que o poder vos ajude. O poder só está por perto porque quer sentir o cheiro da vossa pele perfumada e jovem enquanto lhes editam frame a frame os planos mal captados, as cenas mal dirigidas e os textos literários impossíveis de dizer por um humano sóbrio. Velhos são os tempos das tertúlias intermináveis, do fotograma e da fita cola amarelada pela falta de uso. Alguém sabe o que é um fotograma? **CERTEZA #1** Quero ir ao cinema e está-se a fazer tarde, por isso vou ter de acabar. E vou mesmo.

CURTAS, CURTAS

Vitor Joaquim

Compositor e realizador

É consensual fixar a data do início do Cinema em 28 de Dezembro de 1895 com os irmãos Lumière e a apresentação comercial dos seus filmes no Grand Café, Boulevard des Capucines, Paris.¶ No caso português o início do Cinema é creditado a Aurélio Paz dos Reis que em Setembro de 1896 rodou a “Saída do pessoal operário da Fábrica Confiança”.¶ É consensual fixar a data do início do Cinema de Animação em 28 de Outubro de 1892 com o Teatro Óptico de Émile Reynaud no Museu Grevin, Paris.¶ E no caso português? ¶ Investigações recentes levaram à reconstrução de *O Pesadelo de António Maria* de Joaquim Guerreiro. Anunciado como sendo o primeiro filme de animação português, estreou como “sketch” durante a peça de Teatro de Revista “Tiro ao Alvo” no Eden-Teatro em Lisboa em... Janeiro de 1923!¶ Desenhado a tinta preta sobre papel branco, caricaturiza António Maria da Silva (1872-1950), ministro da 1.ª República que “(...) depois de uma conferência com os colegas sobre carestia da vida, ensino religioso e outras coisas graves, resolve descansar até amanhã”. No caminho para casa interpela um GNR: “Com que então, não cassaste por ahí nenhuma bomba? Nem ao menos um bolshivista?”.¶ Estava-se em 1923. Em Agosto de 1922 uma greve geral contra a carestia de vida e o rebentamento de petardos tinha levado à declaração do estado de sítio em Lisboa e arredores, durante 15 dias, com suspensão dos direitos constitucionais. Em Dezembro de 1922 tinha surgido a URSS. Em Fevereiro de 1923 iniciou-se um movimento nacional contra o aumento do preço do pão. Em Lisboa deflagraram algumas bombas como protesto contra a alteração do horário de trabalho dos metalúrgicos.

Tempos conturbados... No filme de Joaquim Guerreiro “O proletariado reclama e nós também... Pum... Pum... Vae tudo raso”.¶ Surpreendentemente, os 159 desenhos originais sobreviveram até aos nossos dias, intactos e em muito bom estado, constituindo o mais antigo material original que se conhece relacionado com o Cinema Português de Animação. Fazem hoje parte da Colecção Ricon Peres. Do filme, no entanto, não se conhece qualquer metragem.¶ A existência de um filme de 1923 era conhecida já há bastante tempo, através de referências na imprensa escrita da época. Mas a relação entre essas

notícias e os desenhos da colecção Ricon Peres foi recentemente estabelecida por António Gaio, director do Cinanima, no seu livro lançado em 2001 dedicado à história do Cinema Português de Animação. ¶ A reconstrução digital do filme, baseada nos desenhos originais e nas anotações inscritas nesses mesmos desenhos, ficou a cargo de Paulo Cambraia (Megatoon). Foram recriados intertítulos ao estilo da época,

baseados em 8 legendas manuscritas que acompanham os desenhos. No entanto, provavelmente estas legendas não faziam parte do filme original e eram, isso sim, ditas por um actor em palco. Recorde-se que se estava em pleno cinema mudo...¶ Não se sabe como foi feito o acompanhamento musical do filme. Com a colaboração de Fernando Rocha (AuraStudio), criou-se um acompanhamento musical ao sabor da época: o maestro António Vitorino de Almeida executou um improviso ao piano.¶ O resultado final foi apresentado em Espinho a 10 de Novembro de 2001, durante o Cinanima. É caso para dizer que tudo começou com “O Pesadelo”, e que dura até hoje...

**CURTAS DE ANIMAÇÃO
PORTUGUESAS:
TUDO COMEÇOU COM
“O PESADELO”
(QUE DURA ATÉ HOJE...)**

Paulo Cambraia
Produtor de cinema de animação



O Pesadelo 1923

pretendo assistir às emoções no seu
nível primário, concretizá-las
exactamente como foram vistas pela
primeira vez na minha câmara escura
particular, conservando-lhes o sentido
inicial, o aspecto rude das primeiras
construções. associo a estrutura
ideológica a um concerto de música
improvisada que é registado em disco
e nunca mais será interpretada, nem
gravada, e em que o apelo é feito não
à rectificação mas à própria memória.
pretendo, com a materialização destas
folhas de papel em filme, negar
o processo de crescimento, negar
a pressão tresloucada a que somos
sujeitos diariamente para evoluirmos,
para crescermos. há dez anos atrás
ainda tinha menos possibilidades
de fazer filmes do que tenho hoje
e portanto são dias e dias acumulados
que tenho para recuperar. se o filme
vier a existir ficarei feliz se o resulta-
do se revelar imaturo, adolescente
e, principalmente, emocional.
na minha opinião existe enquanto
objecto rock em que o refrão foleiro
me comove.

miguel seabra lopes

apresenta

O MURO

35 mm, cor, 27', dolby

visto n.º 00000000

acção: /
imagem: genérico de início: caracteres negros, écran
branco
som: silencio
outros: /
duração: 05 segundos

– Tu não me amas pois não?
– Porque me perguntas?
– Nem eu sei. Nunca me chega. Porque hei-de
precisar sempre dos outros. Devo ser uma creti-
na, é por isso que não
consigo safar-me... sabes o que queria? Todas
as pessoas que gostaram de mim, tê-las aqui,
ao pé de mim, como... uma parede.

diálogo retirado do filme *Il Deserto Rosso*
de Michelangelo Antonioni

acção: /
imagem: texto em caracteres negros, écran encarnado
som: silencio
outros: /
duração: 30 segundos

0.23



acção: Pedro enrola um cigarro na cozinha. avança pelo
corredor. entra na sala (fora de campo). coloca
um disco vinil a tocar. Pedro volta à cozinha.
senta-se. fuma o cigarro imagem: corredor, cozinha,
janela da marquise, Pedro de pé
som: ambiente + música: "god damn the sun" de swans
(ver 1)
outros: poema "god damn the sun" traduzido nas legendas
em português
duração: 06 minutos

acção: /
imagem: nós impresso a branco no écran negro
som: gritos - retirados do poema vocal "second black-
ness" do compositor japonês keiji haino
outros: /
duração: 10 segundos

nós

acção: Joana caminha na areia, tropeça, cai. avança de
gatas. respira mal, sufoca. fala para si própria
imagem: sol a arder
som: ambiente + diálogos
outros: os diálogos (ver 2)
duração: 09 minutos

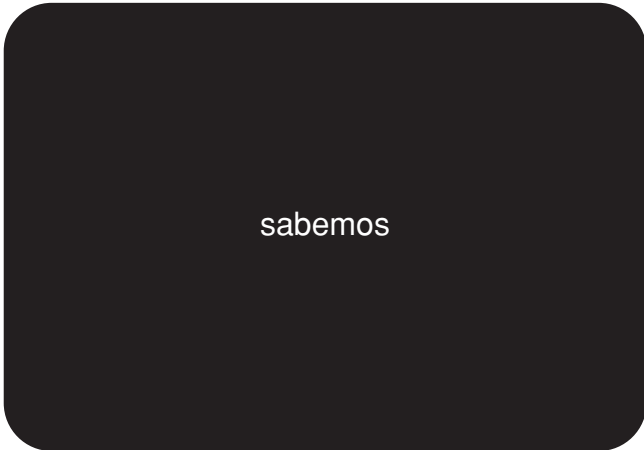
0.24

acção: /
imagem: não impresso a branco no écran negro
som: gritos - retirados do poema vocal "second black-
ness" do compositor japonês keiji haino
outros: /
duração: 10 segundos

não



acção: Joana está deitada na areia. a pele tostada pelo sol. a boca branca, seca. fala até desfalecer.
 imagem: grande plano da cara de Joana, com pequeno movimento rotativo de câmara
 som: ambiente, diálogos
 outros: diálogos "tenho sede. tanta sede. água. quero água."
 duração: 07 minutos



acção: /
 imagem: sabemos impresso a branco no écran negro
 som: gritos - retirados do poema vocal "second blackness" do compositor japonês keiji haino
 outros: /
 duração: 10 segundos

0.25



acção: a chuva cai no mar revolto. noite.
 imagem: praia deserta. mar com ondas. chove em avolumada quantidade. noite escura sem lua
 som: ambiente
 outros: /
 duração: 04 minutos

acção: /
imagem: meu amor impresso a branco no écran negro
som: gritos - retirados do poema vocal "second black-
ness" do compositor japonês keiji haino
outros: /
duração: 10 segundos

meu amor

acção: Pedro esconde o rosto com a mão
imagem: plano aproximado de peito de Pedro. fim de dia
som: ambiente
outros: /
duração: 03 segundos

o.26



acção: /
imagem: genérico de fim: caracteres negros, écran branco
som: silencio
outros: /
duração: 05 segundos

diálogo retirado do filme *Il Deserto Rosso* (1964) de Michelangelo Antonioni.

SECOND BLACKNESS (3'32") solo absoluto gravado ao vivo em Tokyo, Amsterdão e Berlim, retirado do álbum "A CHALLENGE TO FATE" do compositor japonês Keiji Haino. editado por Les Disques du Soleil et de l'Acier.

GOD DAMN THE SUN (4'22") retirado do álbum "THE BURNING WORLD" de swans. poemas de m. gira, produzido por bill laswell e michael r. gira. editado por uni records 1989.

diálogos (05) escritos por Joana Craveiro.

storyboard por Gabriela Fonseca.

1 “deus amaldiçoe o sol”

(aqui apresentado em prosa por questões ligadas à organização do espaço)

“quando, quando éramos novos, não tínhamos história e então nada a perder, significava que podíamos escolher. escolher o que queríamos então, sem nenhum medo, ou pensamento de vingança. mas entretanto tu envelheceste, e eu perdi a minha ambição, então adquiri um vício, beber e depressão. (eles são meus, os meus únicos verdadeiros amigos, e eu vou guardá-los, até ao verdadeiro final). eu escolho não me lembrar, mas sinto falta, outra vez, da tua arrogância, e preciso da tua inteligência e do teu ódio pela autoridade. mas agora tu partiste, li hoje, encontraram-te em espanha, cara deitada no chão da rua. com uma garrafa na mão, e um sorriso louco na cara, e uma faca nas costas, morreste numa terra estrangeira. e encontraram a minha carta enrolada no teu bolso, onde eu dizia que me mataria, se ela me deixasse outra vez. então agora ela partiu, e vocês estão as duas na minha cabeça, eu tenho uma coisa para dizer, antes de estar outra vez bêbado: deus amaldiçoe o sol, deus amaldiçoe o sol, deus amaldiçoe toda a gente que diga uma palavra amável, deus amaldiçoe o sol, deus amaldiçoe o sol, deus amaldiçoe a luz que brilha, e este mundo que se vê, deus amaldiçoe o sol.”

2 diálogo provisório de intenções

(calor, calor, calor – como é que é possível tanto, assim logo duma vez?)...

pensar ainda provoca mais calor. calo-me. ele continua. ele não pára. olho-te nos olhos, pergunto-te porquê? não, não o faço. tu feres-me. calo-me outra vez...

... não posso fazer mais nada senão andar. mas, também, não tenho para onde ir. se rastejar... será que ele me vê de facto? precisava de sair por três minutos daqui, e olhar de fora. para ter a certeza que aqui estou. eu acho que não estou aqui – será suficiente para o convencer?...

... vou ficar aqui para sempre. vou morrer aqui. não me deixes morrer ainda, por favor, ainda não. quantos dias tem uma hora?...

... eu não existo, acredita em mim, eu nunca existi. nem sequer consigo olhar para mim inteira, há luz a mais...

... vou morrer já, eu sei que vou, deixa-me só andar mais três passos, esta areia não é amarela, não é branca nem de nenhuma cor, vou morrer e tu vais ver tudo, eu não queria, eu estou a tentar não pensar, eu estou a morrer cada vez mais depressa, eu não consigo estancar o suor, tu não paras de estar aí, mas eu queria saber dizer-te pára, pára de olhar, deixa-me morrer mais depressa e não feita em água, isto nem sequer fica marcado, acho que isto não é sequer areia, estou a perder o juízo, tenho sede, tanta sede, não me queres matar já?

0.27

créditos

a) diálogo retirado do filme ‘Il Deserto Rosso’ (1964) de Michelangelo Antonioni.

b) **SECOND BLACKNESS** (3’32”) - solo absoluto gravado ao vivo em Tokyo, Amsterdão e Berlim, retirado do álbum

“A CHALLENGE TO FATE” do compositor japonês Keiji Haino. editado por Les Disques du Soleil et de l’Acier.

c) **GOD DAMN THE SUN** (4’22”) retirado do álbum “THE BURNING WORLD” de swans. poemas de m. gira,

produzido por bill laswell e michael r. gira. editado por uni records 1989.

d) diálogos (05) escritos por Joana Craveiro.

e) storyboard por Gabriela Fonseca.

Situação da curta metragem

por Pedro Caldas, realizador e produtor

é cinema?_

_court-métrage = anti-cinéma

cf. "Chacun son Tours" in Cahiers du Cinema n.º 92, Fevereiro 1959

Parece evidente a importância que os meios de comunicação audiovisual, nomeadamente o Cinema e a Televisão têm no desenvolvimento cultural e psicológico da criança. Se é importante aprender a ler, a escrever e a contar, penso ser igualmente importante saber ler e interpretar as imagens em movimento. Toda a gente sabe que as imagens que nos dão a ver na televisão são manipuladas e manipuladoras da realidade e no entanto, em casa, os pais não têm o cuidado de tirar um pouco do seu tempo para as analisar e discutir com os seus filhos e assim estes continuam pacificamente a consumi-las em grandes doses diárias em frente da televisão. Muitas vezes os programas de televisão servem inclusivamente para acalmar ou tranquilizar as crianças de forma a que estas não perturbem o que resta da tranquilidade dos seus pais, quando chegam a casa cansados de um longo dia de trabalho.¶ Por outro lado a Escola tem mostrado um enorme autismo, ignorando todo o tipo de reflexão sobre este assunto. O Cinema e o Audiovisual não estão previstos em nenhum currículo escolar ao nível básico ou mesmo elementar, apesar

das crianças desde muito cedo se fascinarem diante da televisão.¶ Se a Família não tem tempo para esta reflexão e se a Escola também ignora esta formação, a criança não tem outro remédio senão ficar entregue inteiramente a si própria, tomando muitas vezes as imagens que vê como a própria realidade, tornando-se assim vítima de todo o tipo de manipulações, sem nunca se aperceber da máquina de propaganda que se encontra por detrás das imagens.¶ Neste contexto, em que os pais e os próprios professores não tiveram nenhuma formação específica sobre a linguagem audiovisual, não admira que a cultura visual seja tão menosprezada, mesmo depois de já se ter comemorado o primeiro centenário do nascimento do Cinema e de muita gente ter considerado o século XX como o século da imagem e da comunica-

ção.¶ Mas felizmente nem tudo é assim tão negro e as excepções existem e até têm alguma expressão em Portugal. É de realçar o enorme trabalho que o Lauro António tem vindo a desenvolver no sentido de introduzir o Cinema na Escola; o trabalho desenvolvido na Cooperativa Árvore e principalmente no seu departamento infantil (entretanto desaparecido); o trabalho da Paulina Vieira no Atelier da Fundação para o Desenvolvimento da Zona Histórica do Porto; o Fernando Saraiva no Centro Lúdico da Imagem Animada; o Fernando Galrito em Samora Correia e na Fundação Calouste Gulbenkian; o Atelier do Cinanima; as actividades do Cine Clube de Avanca e de muitos outros que seria impossível de referir aqui sem tornar este artigo demasiado longo e fastidioso. Mas todas estas acções pontuais, por mais interessantes que sejam e por mais bem sucedidas que efectivamente o são, não podem por si sós substituir-se às obrigações do Estado em matéria de formação quer da criança quer do próprio professor.¶ Estas experiências mostram-nos o Cinema de Animação como um veículo privilegiado para a introdução das cri-

anças no mundo do Cinema e do Audiovisual. As suas múltiplas facetas permitem não só uma enorme e efectiva interdisciplinaridade (tantas vezes apreçoada e quase sempre inviabilizada pela complexidade de coordenação que exige) como demonstram o seu enorme poder atractivo (é notória a penetração do Cinema de Animação no universo infantil) e a sua facilidade em se adaptar ao universo visual próprio da criança.¶ Por outro lado, o Cinema de Animação implica uma partilha do trabalho em equipa, contrariando as tendências individualistas e promovendo a interajuda e o respeito pelo trabalho dos outros. Uma grande paciência e a perseverança são algumas das qualidades que são naturalmente desenvolvidas durante a realização de um filme animado.

CINEMA DE ANIMAÇÃO NA ESCOLA

Abi Feijó

Realizador e Produtor de Cinema de Animação

0.29

DISCO MAGICO

FENASCISTISCÓPIO
ESTROBOSCÓPIO

o.30



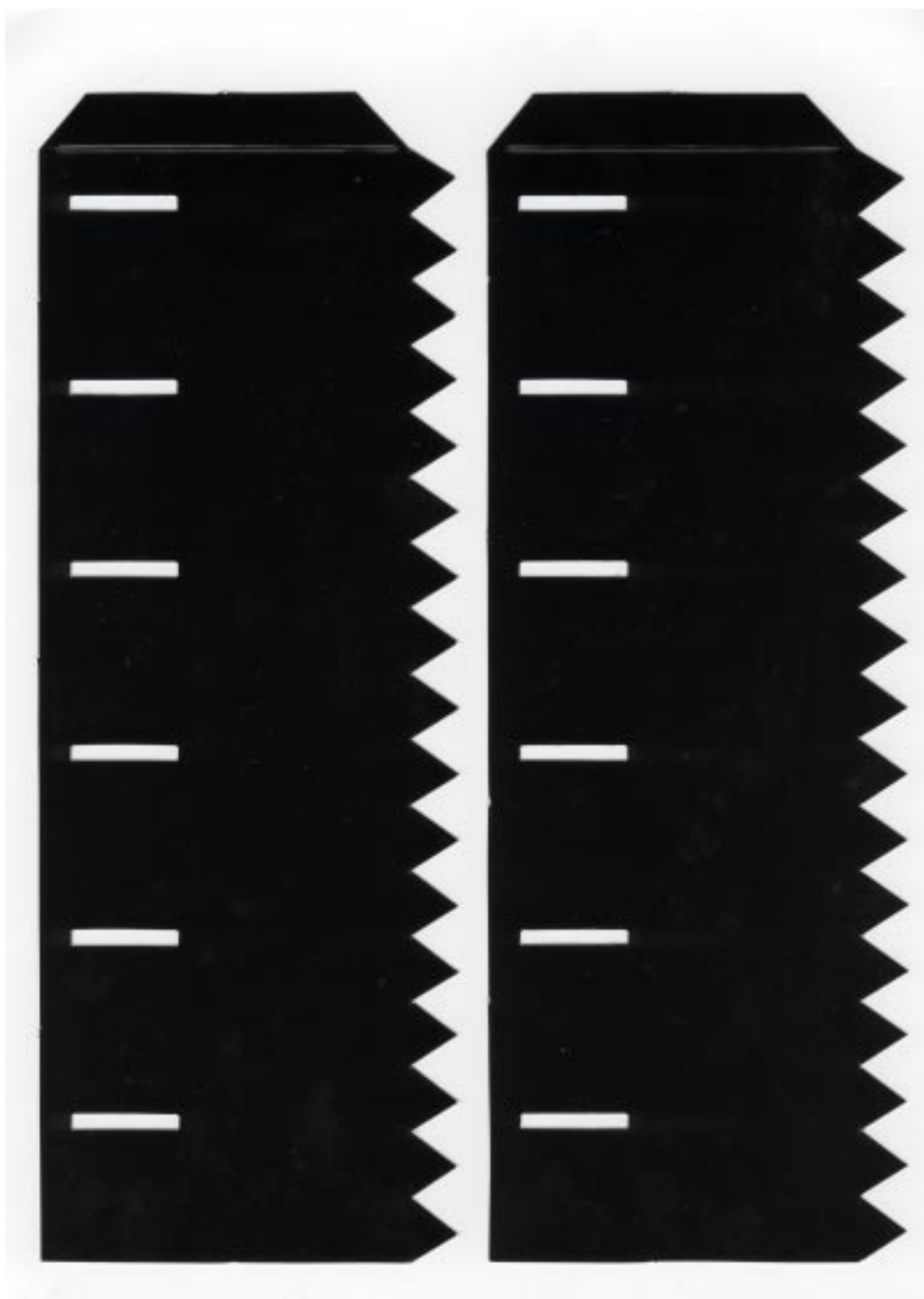
Fazemos um disco com 16cm de diâmetro num cartão • neste disco cortamos 12 ranhuras e desenhamos 12 figuras. As figuras devem ser muito parecidas, mas um bocadinho diferentes, e desenhadas em posições sucessivas • depois espetamos um pionez ou um arame no centro do cartão e pomos o disco a girar virado para um espelho • então espreitamos pelas ranhuras e vemos as figuras em movimento.

0.31



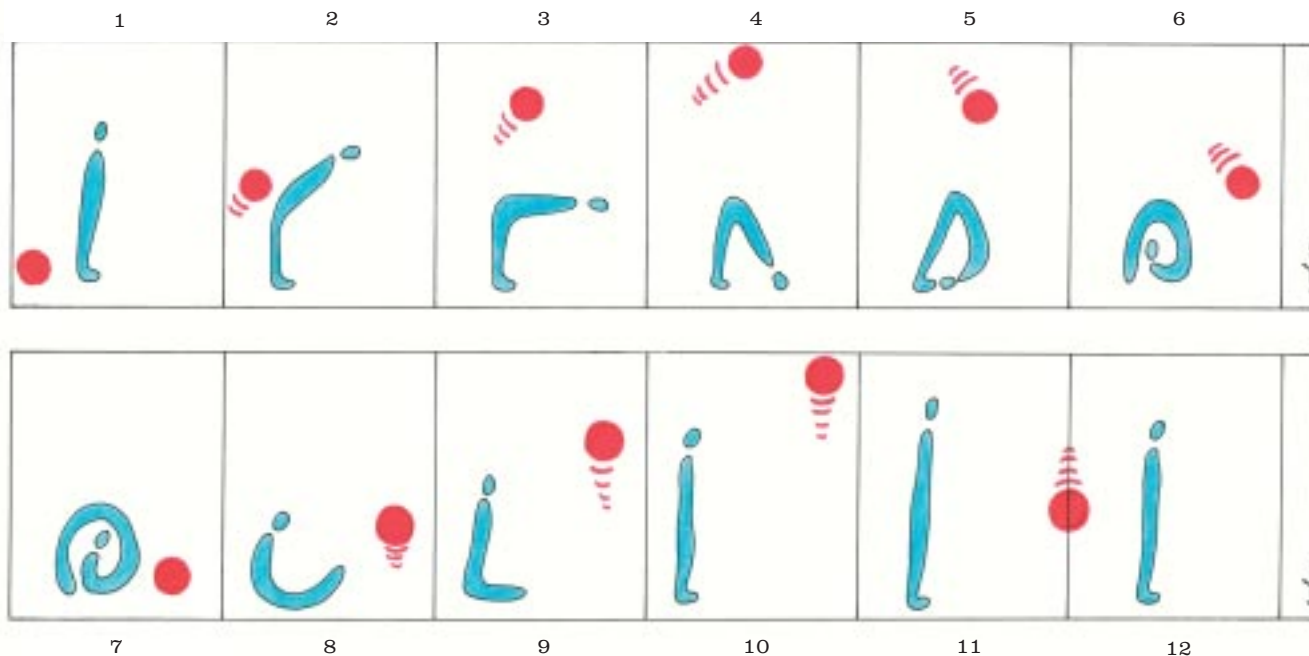
Este brinquedo foi inventado em 1832 por Joseph Plateau na Bélgica e Simon Stampfer na Áustria e chama-se Disco Mágico ou Fenascistiscópio ou ainda Estroboscópio

ZOOTROPE



Cortamos uma tira de papel e desenhamos 12 figuras parecidas mas um bocadinho diferentes e em posições sucessivas • colocamos esta tira de papel dentro de um cilindro oco com 12 ranhuras no bordo superior • espreitamos pelas ranhuras e pomos o cilindro a rodar • então vemos as figuras em movimento e várias pessoas podem ver e brincar ao mesmo tempo

0.33



Este brinquedo óptico foi descrito em 1833 com o nome de Daedalum por W. G. Horner e comercializado a partir de 1867 por Wm. E. Linclon com o nome de Zootrope

Ilda Castro

Uma vez alguém me disse que desde pequeno que ía frequentemente ao cinema, como eu também faço, e que um dia, no cinema S. José, que já não existe em Cascais, “começou a pensar nos filmes pelos realizadores” ou qualquer coisa assim... o que eu nunca fiz... vou ao cinema como mera espectadora... embora goste de ouvir o que os outros dizem e até me divirto quando falam “dos planos...” dos campos e contra – campos”, “dos racords”... ou então das “reperages”, “das lentes”, “dos paralíticos”, etc., etc... ou dos filmes que viram três vezes, Dez vezes, vinte vezes... aí, confesso que fico deveras impressionada...” Bolas! Penso eu, posso ter ouvido um disco uma data de vezes e até sabê-lo de cor e salteado... mas um filme... acho que raramente vi um filme mais que uma vez...!” Para mim os filmes são mero “passatempo” e nunca levei o cinema muito “a sério” e é apenas nessa medida que posso, ou não, gostar deles...¶ Hoje, por exemplo, foi ao cinema por mero acaso, ver uma curta-metragem, fui mesmo “porque calhou”... nem contava ir... mas gostei. quanto mais não fosse valia sempre a pena por aqueles poucos minutos em que pude ficar sentada numa cadeira que até era confortável, vendo as imagens suce-

derem-se umas às outras, sem qualquer preocupação... daí que as curtas metragens me dêem tanto jeito... posso vê-las num instante e nunca apanho “secas”... e é muito engraçado ver uma data de filmes, tipo sessão contínua e, no fim, “seleccionar” para mim apenas os que gostei... alguns desse filmes, confesso (estava a esquecer-me) já os vi várias vezes... e confesso que são

UMA VEZ ALGUÉM ME DISSE...

Sofia
Espectadora

eles que me fazem realmente gostar de ir ao cinema: estou a lembrar-me que isso acontece desde pequena, quando via os filmes mudos na televisão... uns filmezinhos pequeninos onde aparecia às vezes uma atriz que piscava os olhos muito depressa... nessa altura, quando era pequena, queria ser baterista, porque não conhecia nenhuma... talvez gostasse mais de música... talvez seja essa uma das razões pelas quais te-

nho sempre muita curiosidade em ver as curtas (e as longas) metragens das mulheres, especialmente portuguesas... infelizmente para mim, o meu realizador preferido de curtas metragens portuguesas continua a ser um homem e a minha curta metragem portuguesa continua a ser a realizada por outro homem... espero um dia vir a mudar de ideias, até porque algumas realizadoras me fazem achar que sim...



foto de Ilda Castro

0.35

“Realizar uma curta-metragem é um processo talvez mais difícil do que realizar uma longa-metragem. Pelo menos em Portugal e nos moldes em que o FUNERAL foi concebido. Sem subsídios ou assistências financeiras de parte alguma (o início da produção é anterior aos concursos de “curtas” do IPC), apenas com a vontade de alguém que acabou a Escola de Cinema e quer realizar um filme, apenas com a vontade de passar uma história a película, apenas com a vontade de fazer uma primeira obra, sem medir ou equacionar a questão:

“Para que serve em Portugal produzir uma curta-metragem?...” Jorge António, Folha da Cinemateca, ante-estreia de *O Funeral*, Fevereiro de 1993¶¶

“REALIZAR UMA CURTA...”

Jorge António
(realizador)

Curiosidades: O Funeral foi dos primeiros filmes de curta metragem a serem produzidos em Portugal, numa

época em que não existiam quaisquer apoios Institucionais para as Curtas.¶ O Funeral foi apresentado pela primeira vez na Bienal dos Jovens Criadores (em representação de Portugal) em Valência (Espanha), em Novembro de 1992; Em Fevereiro de 1993, tem a sua apresentação Nacional, na Cinemateca Portuguesa; Em Março de 1993, estreia em complemento, no cinema Quarteto; Em Maio de 1993, recebe o Prémio

Melhor Primeira Obra, no Festival Internacional do Algarve; Em Junho de 1993, é uma de duas curtas de ficção nacional presentes na 1.ª edição do Festival de Curtas de Vila do Conde. ¶¶O Funeral fez um percurso em mais de 20 Festivais Internacionais, em Espanha, Brasil, Itália, França, Bélgica, etc.



0.37

As virtudes das (boas) kurtas ?

... denças



koncentradas



vigorosas.



y certeiras.

Filmes curtos. Com maior ou menor duração. Com um ritmo tranquilo ou acelerados. Plenos de fogo de artifício ou criteriosamente despidos de artificialismo. Ora seguindo um modelo de narrativa causal, ora afastando-se de modelos mais comuns. Grande é a diversidade de percursos e opções. Une-os a duração que os denomina e muitas vezes a determinação com que são feitos. O crescente número de curtas metragens produzidas nos últimos anos tem, na minha opinião, reflectido uma preocupação cada vez maior não só com a qualidade técnica como com a linguagem e experimentação. Se é certo que os meios de produção (devido a orçamentos que não permitem "vôos muito altos") possam limitar de alguma forma os projectos em questão, não é menos verdade que essa dificuldade não tem obstado a que se assista a um esforço em renovar e experimentar no interior do formato. A esse esforço não é

alheio o grande empenho não só dos autores como de todos os intervenientes que compõem as equipas que tornam possíveis esses filmes. As curtas metragens têm igualmente sido campo de oportunidade a que novas ge-

rações de técnicos de várias áreas aprofundem a sua experiência e, como tal, têm servido amplamente para uma maior qualificação de profissionais, bastantes dos quais em início de carreira. Esta circunstância tem-se revertido na qualidade do que se tem produzido e beneficiando, em última análise, a própria "indústria" de cinema em Portugal. Pena é que a finalidade destes filmes, ou seja, serem vistos pelo público em sala,

pareça difícil de atingir. Muitos poucos acabam por ser projectados para além de festivais e mostras específicas, não cumprindo o fim para que supostamente foram criados e nos quais se despendeu tanta energia para os fazer.

FILMES CURTOS

Rui Poças

Director de fotografia

REFLEXÕES

PARA CURTA-METRAGEM

OLFATIVA EM PAPEL

PLANETA TERRA | EUROPA | LISBOA | AV. LIBERDADE | JANEIRO DE 2002

música original de Ilda Castro

Cena 1

Som ambiente da Av. da Liberdade a esta hora; o som do tráfego.
Cheiro: uma réplica do cheiro habitual da Av. da Liberdade a esta hora,
o cheiro dos canos de escape da Av. da Liberdade a esta hora.

Voz off: Caminho perdido na multidão. De repente a cidade escureceu.

Há horas que me sinto perseguido por um mal-estar,
pelas caras feias dos que passam com um frio no olhar e uma ameaça no rosto.
Entro no metropolitano.

0.40



Cena 2

Som ambiente com os travões das carruagens a chiarem.
Voz off: Em hora de ponta é a procissão dos mortos vivos, trombudos e disformes.
Chega a máquina e enfiam-se todos aos empurrões.
Alguns saem encolhidos lá de dentro e os outros estrebucham para sair.
Entro na carruagem. A máquina retoma a marcha.



Voz off: O sufoco e o aperto. Um calor abafado insuportável. Nada se diz. Cheira-se e transpira-se.
Silenciosos, atentos e semelhantes, uma massa de gente infeliz.
Não respiro, não me movo. Afundo-me neste mal-estar.
Cheiro: o cheiro habitual das carruagens de metro em hora de ponta.



Voz off: Já não sei porque estou aqui. Sinto-me ameaçado.
Será que alucino lúcido?
Tenho medo.

Cena 3

Plano de 5 segundos com imagem cor de rosa. O cheiro do metropolitano desvanece-se.
Voz off: Mergulho ...



Cena 4

Som: de uma expiração prolongada debaixo de água.
Cheiro: o cheiro habitual de um fundo de mar limpo.
Voz off: Finalmente respiro de novo. Mexo o corpo.
A água massaja-me os ossos e limpa-me os poros.
Ainda existo.



Voz off: Observo o fundo do mar. Vejo peixes azuis, brancos, amarelos, verdes, de todas as cores. Desenham curvas várias entre as algas e tudo se move numa dança descontraída. Tudo é fresco e harmonioso e fresco e afável.



Voz off: Observo que conversam entre si. Julgo que falam sobre mim.

Voz off: Vem-me à memória o cheiro de um campo salpicado de flores.

Cena 5

Plano de 5 segundos com imagem a amarelo.

Cheiro: surge gradualmente o cheiro de um campo salpicado de flores... não poluído.



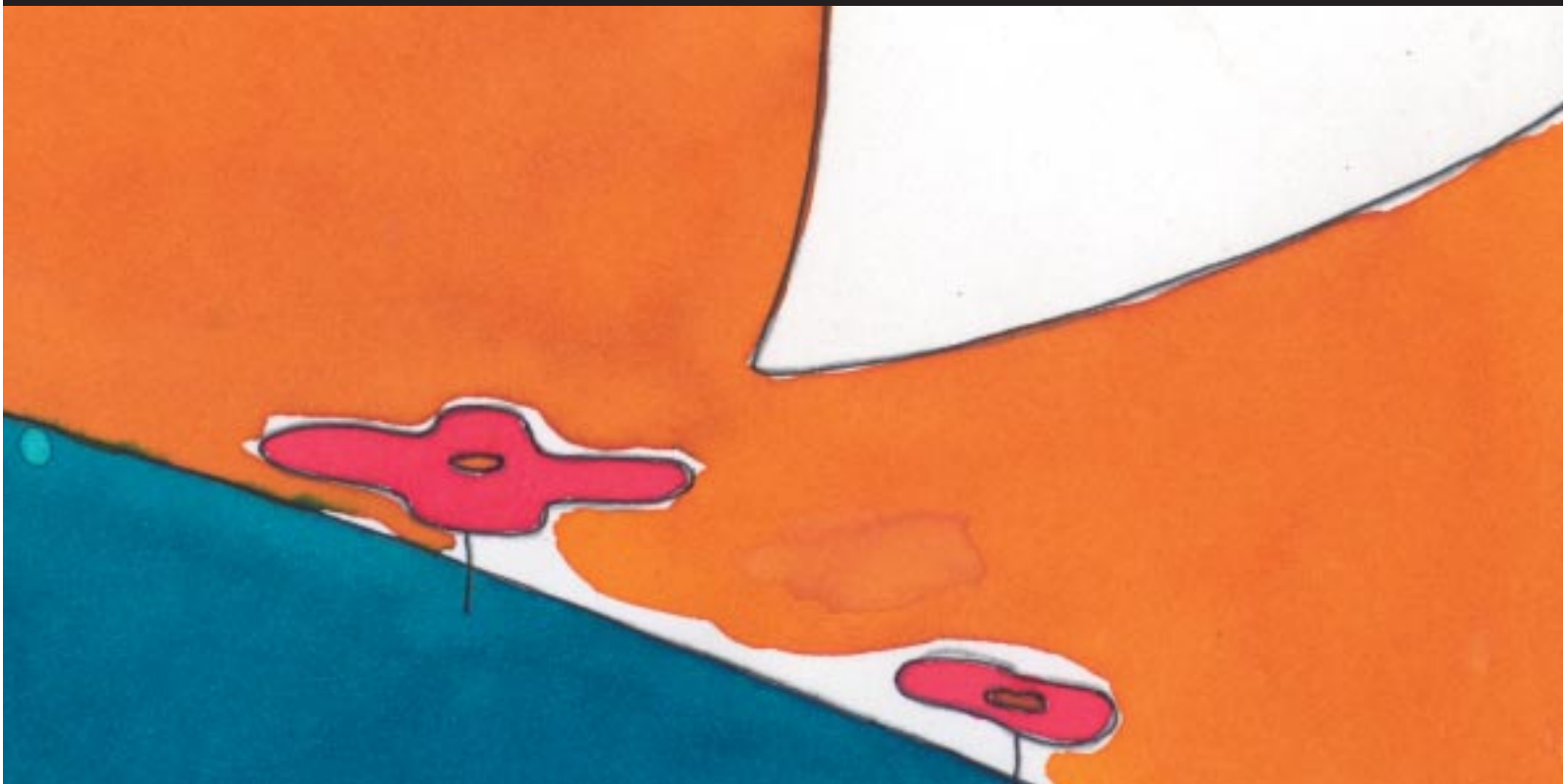
Cena 6

Som ambiente de um campo sem ruídos humanos, o restolhar do vento.

Voz off: Agora voo sobre os campos. Emociono-me.

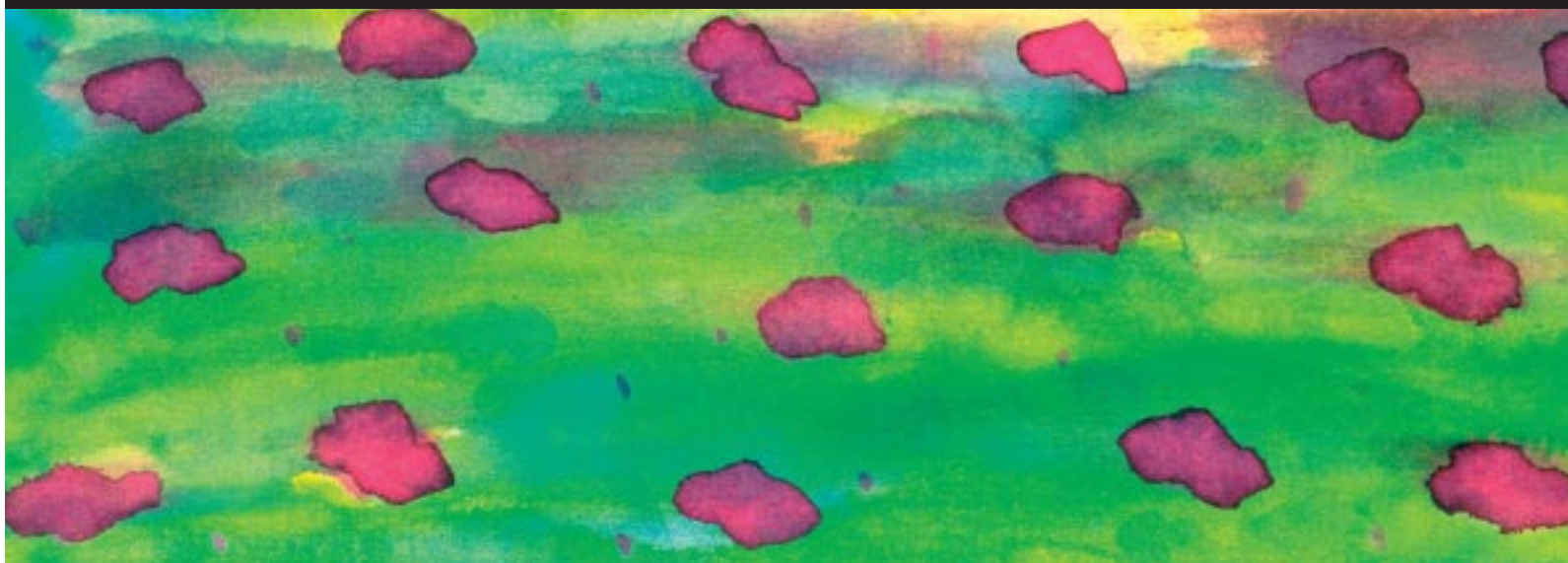
Há uma dor qualquer que me sai pela boca... Uma tranquilidade que me invade.

O que eu amo papoilas e malmequeres!





Voz off: Se calhar sonho! Finalmente sinto-me bem e sorrio de felicidade...



Voz off: Agora o ar sabe bem. Agora gosto de olhar.
Agora vejo. E vejo ao longe.

Voz off: **RECOMEÇO.**
Cheiro: a definir.
Som e música: a definir.
Genérico final.



Ilda Castro

31

um filme de Miguel Gomes

27', 35mm, cor, 2002

Argumento e Realização Miguel Gomes

Com Mariana Ricardo, Nuno Oliveira

Fotografia João Nicolau, Miguel Gomes

Som António Pedro Figueiredo

Montagem João Nicolau

Produtor Executivo Bruno Lourenço

Produção O Som e a Fúria

o. 46



Miguel Gomes nasce em Lisboa, decorria o festival da canção edição 1972.

Frequenta a Escola de Cinema entre 92 e 95, sabe Deus como. Escreve sobre filmes a partir de 96 mas deixa-se disso na viragem do milénio (abre uma excepção para um livro sobre Manuel Mozos, 2001). Em 1999 realiza *Entretanto*, 25 minutos, cor, que ganha prémios em Oberhausen, Vila do Conde e Stª Maria da Feira; em 2000 realiza *Inventário de Natal*, 23 minutos, cor, que ganha prémios em Austin, Belfort e Vila do Conde; em 2001 realiza *31*, 27 minutos, cor. 2002 perfila-se como o ano de *A Cara Que Mereces*, longa metragem de estreia.

Entretanto, 35mm 25', 1999

Inventário de Natal, 35mm 23', 2000

31, 35mm, 27', cor, 2002





31 “Esta é a pega da pancada da direita. Para a executarmos, sabendo que a bola vem para a direita, vamos naturalmente levar a raquete atrás. Com o ombro esquerdo virado para mim, que é donde vem a bola... Naturalmente, avançam o vosso pé esquerdo e vão executar a pancada”.

ACORDAR

um filme de **Tiago Guedes e Frederico Serra**

28', 35mm, cor, 2001

Realização Tiago Guedes/ Frederico Serra

Com Pedro Almendra, Yola Pinto, Eduardo Silva, Joana Melo, Catarina Lacerda

Produtor João Vilela/ Krypton/Porto 2001

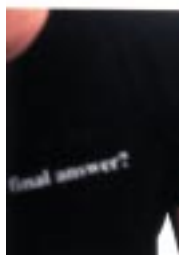
Director de Fotografia Vitor Estevão

Director de Som Edrice Saeed/ Branco Neskov

Montagem Pedro Ribeiro

Música Cosmic City Blues

o.488



Tiago Guedes. Dizem que nasci a 20 de Junho de 1971, o que faz com que tenha hoje 30 anos.

A minha deformação começou como a de muitos outros. A ver filmes. A ver muitos e muitos filmes. Cresci com o FantasPorto e ainda hoje, responsabilizo as cadeiras do Auditório Carlos Alberto, pela hérnia discal que carrego na coluna. Passei muitas horas naquela sala.

Depois distraí-me e tirei um curso de publicidade para perceber rapidamente que queria outra coisa. Fui para a New York Film Academy fazer um workshop de cinema, e para o Raindance em Londres fazer um workshop de direcção de actores. Quando voltei acabei por trabalhar outra vez em publicidade, mas desta vez por trás da camera. Foi aí que conheci o Fred

(Frederico Serra) e começámos a trabalhar juntos. Assim nasceu *O Ralo*, 17' em 35mm, côr, que ganhou prémios em Locarno, no Huesca e que foi comprado pela ATOM Films. Depois fizemos o *Alta Fidelidade*, 100' em 16mm, côr, para a SIC Filmes. Em 2000, a organização do PORTO 2001 convidou-nos para fazer uma curta, e assim nasce o *Acordar*, 28', em 35mm côr, que recebeu um prémio em Vila do Conde e anda a correr o mundo em festivais. A seguir eu ainda fiz mais um telefilme para a SIC Filmes, agora sem o Fred, *Os Cavaleiros de Água Doce*, 95' em 16mm, côr. Entretanto tenho feito anúncios para a YORN, e alguns videoclips (Clã, Moonspell, Mão Morta).

Frederico Serra. Nasci em Outubro de 64. Como seria de esperar ao fim de alguns anos passei as tardes fechado nas salas de cinema. Frequentei nos intervalos a escola Antonio Arroio onde tirei um curso de imagem.

Convencido de que seria o caminho mais curto, comecei a trabalhar em agências de publicidade, durante uma série de anos saltei de agência em agência. Deixei as agencias e fui para as produtoras para trabalhar como assistente de realização. Entretanto fiz um workshop de direcção de actores no Raindance (Londres). Foi na produtora Krypton que conheci o Tiago (Guedes) onde começámos a trabalhar juntos. Assim nasceu *O Ralo*, 17', em 35mm, côr, que ganhou prémios em Locarno, no Huesca e que foi comprado pela ATOM Films. Depois fizemos o *Alta Fidelidade*, 100' em 16mm côr, para a SIC Filmes. Em 2000, a organização do PORTO 2001 convidou-nos para fazer uma curta, e assim nasce o *Acordar*, 28', em 35mm côr, que recebeu um prémio em Vila do Conde e anda a correr o mundo em festivais. Nos tempos mortos destas produções tenho realizado anúncios para os mais diversos anunciantes e videoclips.

Fruits & Songs, 1998, 3', 16 mm (Tiago Guedes)

The Gift, 1998, 9', 16 mm (Tiago Guedes)

11:00 am, 1998, 3', 16mm (Tiago Guedes & Frederico Serra)

O Ralo, 1999, 16'45'', 35mm (Tiago Guedes & Frederico Serra)

Alta Fidelidade, 2000, 98', 35 mm (Tiago Guedes & Frederico Serra)

Acordar, 2001, 28', 35 mm (Tiago Guedes & Frederico Serra)



ACORDAR: pôr em acorde(vozes, instrumentos); concertar; ajustar; recordar; lembrar; conceder; decidir; resolver; despertar do sono; cair em si; recordar-se; resolver-se.



A BÍBLIA NA ARTE

um filme de **Paulo d'Alva**

8', betacam SP, animação, cor, 2001

Técnica Desenho sobre papel

Realização, Argumento e Animação Paulo d'Alva

Montagem e Sonorização António Carlos Pinto

Produção Panorâmica

o. 50



Paulo d'Alva é estudante de Desenho na Escola Superior Artística do Porto. Participou como animador e co-realizador na serie "Alfredo" em 1996. Membro fundador da associação cinematográfica de Ovar – Panorâmica, onde é responsável pelo atelier de cinema de animação.

A Noite Cheirava Mal, 35mm, 6', 1998

A Bíblia na Arte, Betacam SP, 8', 2001





A BÍBLIA NA ARTE ...sonhos e realidade, amor e ódio, dor e alegria, desilusões e esperanças, morte e vida...o passado, o presente e o futuro... Desenhos de corpos que se transformam em manifestações de momentos, tentando impressionar tanto mais o espectador quanto melhor corresponda às emoções que nele vê, provocar emoções mediante a forma gestual e a expressão corporal da condição humana.

A CAIXA NEGRA

um filme de **Nuno Amorim**

13', suporte original Betacam Digital, suporte de exibição Betacam SP, animação, cor, 2000

Realização, Argumento, Diálogos e Produtor Nuno Amorim

Animação Armando Coelho, Carlos Silva, Nuno Beato, Jeff Martinot

Video Grafismo Nuno Amorim, Carlota Flieg, Ana Tiago, Elsa Antunes; Mónica Santos, Jeff Martinot

Som Paulo Curado

Músicas Paulo Curado, Carlos Zingaro, Paulo Amorim, Christian Schonberg, Luís Pedro Fonseca

Montagem Nuno Amorim, Carlota Flieg

Produção Animais Lda.

Co-Produção RTP

Financiamento ICAM, RTP, Animais Lda.

o. 52



Nuno Amorim nasceu a 9 de Abril de 1952. Começou pela arquitectura, tendo exercido durante alguns anos num atelier de Lisboa. Fez teatro e cenários primeiro no Grupo de Teatro de Campolide, e depois para o Grupo de Teatro de Almada. Foi ilustrador e autor de capas de livros. Passou depois pela banda desenhada, nomeadamente na revista Visão, nos anos setenta. Ingressou depois nos quadros da RTP onde foi primeiro gráfico, depois realizador, tendo finalmente criado e estruturado o Departamento de Videografismo. Passou ainda pelas agências de publicidade, como art director, tendo trabalhado contas internacionais na Publicis e FCB. Em 1991 fundou a produtora Animais com o Zepe (José Pedro Cavalheiro). Actualmente vai realizando genéricos para programas de televisão, uma publicidade que outra, institucionais e filmes de autor e séries de animação. Tem três filhos, a Joana, o Paulo e o Gil, vive e trabalha em Lisboa, mas sempre que pode dá uma escapadela até ao Alentejo ou ao Brasil.

Imágenes del Perú (1982) animação, 2' 30".

O Quadrado Vermelho e o Cubo Mau (1982) animação, 1' 30".

Não Me Lembro, Era Pequeno (1995) série documental 9X15', RTP

Quero Lá Saber (1996/7, c/Dulce Simões) série documental 50 x 5'

Figuras de Estilo (1995) série cultural, RTP

RTP, 40 Anos (1997, c/Dulce Simões) série documental, 400 x 30"

25 Anos de Eleições (1999) documentário para o MAI, produção Sonomage

A Caixa Negra (2000) animação, 13', Selecção oficial Festival Avanca 2000, Selecção

Panorama do Festival Cinanima 2000, Prémio do Júri no Festival Internacional de Filmes Para

Jovens e Crianças "Ulisses"

Selecção Oficial Animadrid 2001 (Espanha)

Em produção

Bom Dia Benjamin! (série de animação 92 X 30")

A Noiva do Gigante (curta metragem de animação 7', baseada num conto tradicional timorense)

Em preparação

As 7 Caixas, longa metragem de animação

Sarilhos Grandes, série de animação, com Cathy Douzil

O Trabalho do Corpo, curta metragem de animação

A CAIXA NEGRA



A CAIXA NEGRA é uma viagem da escuridão para a luz, do silêncio para o som, da solidão para a amizade. Ana tem 6 anos e passa os dias fechada com os seus brinquedos e uma estranha caixa que a hipnotiza com imagens e sons. ¶Um dia Ana quebra este encantamento...

COISAS & LOIÇAS

um filme de **Sandra Santos**

5'50'', Vídeo Betacam SP (PAL) / 4:3, animação, cor, 2001

Técnica Marionetas de plasticina em multiplano

Realização e Story-board Sandra Santos

Ideia Original Abi Feijó, Sandra Santos, Marta Monteiro

Marionetes, Cenário, Animação e Câmara Sandra Santos, Alexandre

Siqueira

Design Visual Alexandre Siqueira

Música Filipe Damião

Produção e Direcção do Estúdio Abi Feijó

Produção Executiva e Assistência Técnica Davide Freitas

Coordenação Geral Drª Lúcia Almeida Matos

Consultadoria Drª Margarida Correia

Agradecimentos André Marques, Isabel Rocha, Nuno Lacerda, Paula

Moreira, Pedro Moura, Regina Pessoa, Sandra Murta

Com o Apoio de Instituto Português de Museus, Programa

Operacional da Cultura, Ministério da Cultura, Porto 2001, SA,

Museu Nacional Soares dos Reis

© Museu Soares dos Reis / Filmógrafo 2001

o. 54



Sandra Santos nasceu na Covilhã em 1976. Licenciada em Artes Plásticas/Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Em 1997/98 frequentou o curso de Animação de Volumes da Fundação Calouste Gulbenkian orientado por José Miguel Ribeiro. É colaboradora do Filmógrafo, Estúdio de Cinema de Animação do Porto desde 1998. Coisas&Loiças é o seu primeiro filme.

Prémios

Jovens Realizadores (menores de 18 anos)





O DÉCIMO PUNHAL

um filme de **Vitor Moreira**

24', 35 mm, cor, 2001

Realizador e Argumento Vitor Moreira

Adaptado da novela "Un Puñal en la Garganta" de Rosa Mantero

Com Hélène Mahieu, Pedro Carmo, Rogério Samora, Sylvie Rocha

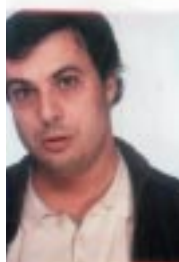
Fotografia João Guerra

Som Raquel Jacinto

Director Artístico Davi Bartex

© Filmes do Tejo/RTP 2001

o. 56



Vitor Moreira nasce a 31 de Agosto de 1963 em Castelo Branco. Bacharelato (1986/89) e Licenciatura 2000/01 em Cinema pela Escola Superior de Teatro e Cinema 1989-2000. Diversos trabalhos em Montagem e Anotação em Cinema e TV. Em 1994 escreve e Realiza a curta metragem "Inesperado" produzida pela Madragoa Filmes. Em 1996 inicia a actividade de professor na Escola Profissional Região Alentejo, em Évora, ministrando disciplinas de Audiovisuais. Realiza diversos vídeos institucionais pela Escola e pela Fundação Alentejo, onde exerce actualmente. Em 1997 é membro do Júri no III Festival Ibérico de Curtas Metragens – Badajoz. Em 1998 é Presidente do júri no festival Vídeo Ambiente 98 em Portalegre. Desde 1996 é membro do Cine-clube de Évora "O Páteo do Cinema". 2000/2001 escreveu e realizou a curta metragem "O Décimo Punhal".



O DÉCIMO PUNHAL Um filme onde o amor acaba por se confundir com o ódio, onde as essências masculina e feminina sucumbem numa competição que à partida parecia arredada. O motivo poderia ser outro qualquer, mas calhou ser um baú repleto de objectos chineses próprios à actuação dum atirador de facas, que o acaso cruzou com um casal. Ricardo e Maria passaram a actuar todas as noites num bar onde são a grande atracção do local...



FIRIPE BERUBERU

um filme de **Francisco Villa-Lobos**

18', betacam SP, cor, 1999

Realização Francisco Villa-Lobos

Com José Guimarães, Daniel Chirinza, Augusto Poitevim e Paulino Mathlombe.

Director de Fotografia Leonardo Ribeiro Simões

Directora de Som Karen Boswall

Produção João Montalverne e Carlos Mavume

Montagem Rui Branquinho

Mistura de Som Branco Neskov

Música Emanuel Lima e Francisco Villa-Lobos

o. 58



Francisco Villa-Lobos nasceu em 1966. Fez o curso de cinema da ESTC na área de Produção em 1989. Em 1993 fundou a Contracosta Produções tendo produzido filmes de Luis Fonseca, Fátima Ribeiro, Graça Castanheira, João Trábulo, Edgar Pera e Pedro Costa.

Corvo, Pitões das Júnias e Ouguela, 1995, 3 documentários co-realizados e co-produzidos com Luis Fonseca

Firipe Beruberu [cm] 1999

Arcádia [cm] 2001

Em preparação

A Chuva da Primavera [lm]

Em fase de escrita de argumento

Terra Incognita [lm]





FIRIPE BERUBERU Moçambique 1970. ¶A barbearia de Firiipe Beruberu ficava debaixo da grande árvore, no bazar do Maquinino. Firiipe distribuía boa disposição e propagandeava o seu serviço pelos clientes exibindo um postal colorido de Sidney Poitier a quem jurava ter cortado o cabelo ali naquele mesmo lugar. Dizia: “Quando lhe tesourei o cabelo nem sabia a importância que Sidney tinha”. A todos os clientes repetia a história e, para os que duvidavam da sua palavra, chamava logo o velho Jaimão que jurava a pés juntos ser verdade e que testemunhava ali ter estado Sidney Poitier em pessoa. A história espalhou-se pela cidade até que um dia Firiipe Beruberu recebeu a visita de dois estranhos. Apenas um deles se aproximou e pediu a Firiipe os documentos. Firiipe, espantado, pergunta porque quer o homem os documentos. Um dos clientes aproxima-se de Firiipe e diz-lhe para obedecer. O homem que pedia os documentos pertencia à polícia política do país. Firiipe entrega a carteira com os documentos ao homem que, depois de a inspeccionar, a atira para o chão e pergunta a Firiipe onde é que ele tinha a fotografia do estrangeiro. Firiipe jurou que era invenção sua, que o estrangeiro nunca ali tinha estado, que era só para atrair clientela e que pagava ao velho Jaimão para confirmar a sua mentira. Jaimão havia já confirmado aos agentes a história de Sidney. Os agentes não acreditam em Firiipe e querem a todo o custo saber onde se metera o americano que devia ser companheiro de Mondlane (líder da resistência que também tinha vindo da América). Firiipe acabou por ser preso. Na semana seguinte vieram dois cipaíes. Arrancaram a tabuleta da barbearia. Todo o resto do material de Firiipe estava no mesmo sítio. Ninguém lhes tocara, como se todos estivessem à espera do regresso de Firiipe Beruberu, o mestre dos barbeiros do Maquinino.

FLASCHENDREHEN/VERDADE OU CONSEQUÊNCIA

um filme de **Eduardo Condorcet**

15', HFF, Konrad Wolf/Potsdam-Babelsberg, Beta SP, 2000

Argumento, realização e montagem Eduardo Condorcet

Com Florian Müller-Morungen, Christian Pfeil, Christina Harbort, Frank Ganzinsky, Antonio Wannek, Sonja Schwürzenbeck

Imagem Jana Marsik

Som Max Knoth

o. 60

Eduardo Condorcet nasceu em Coimbra em 1972. Licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa em 1995, obteve o grau de Master of Arts in Film na Leeds Metropolitan University (Reino Unido) em 2001, com uma tese dedicada à Narrativa e Novos Media.

Começou a trabalhar como músico e actor na Comuna Teatro de Pesquisa. Desde 1996 que, enquanto realizador e argumentista, realizou e/ou escreveu mais de trinta trabalhos comerciais de Vídeo e Televisão e seis filmes de ficção (Jigsaw, Cigarette, Sinful, Diagnose, Flashendrehen, Masken), tanto em Portugal, como no Reino Unido e Alemanha, tendo também encenado e/ou escrito três peças de teatro (O País sem Sons, Ulisses e Black Comedy) e produzido a primeira Conferência de Arte e Tecnologia, organizada pela Aula do Risco.

Desde 1997 que, adicionalmente, se tem dedicado ao estudo, prática e ensino de Escrita de Conteúdos Interactivos, tendo colaborado na concepção do CD-Rom "Taeuber" - em desenvolvimento por Coquille Media - em Edimburgo (R.U.); participado nos seminários "SAGA's", em Munique (R.F.A.) e ensinado Escrita Interactiva para Produtos Off-Line, Web e Televisão Interactiva; Argumento TV; Argumento para Cinema e Teoria da Televisão, para diversas universidades e outras instituições de ensino, incluindo: Escola Superior de Teatro e Cinema; Escola de Artes da Universidade Católica Portuguesa (Porto); Universidade Autónoma de Lisboa; TV Cabo e Aula do Risco.

2001 "Masken" Produção: ARTE/ORB/MDR/HFF (D)

2000 "Flashendrehen"; Produção: HFF - Potsdam-Babelsberg (D)

1999 "Diagnose" Produção: HFF/Eduardo Condorcet (D/P)

1998 "Sinful"; Produção: NSFTV/YTV-Leeds (UK)

1998 "Cigarette"; Produção: NSFTV/YTV-Leeds (UK)

1996 "Jigsaw"; Produção: FCSH/Napier (P/UK)

1995 "Maio"; Produção: Independente/Eduardo Condorcet (P)





FLASCHENDREHEN/VERDADE OU CONSEQUÊNCIA Axel visita hoje a sua família numa Datscha nos arredores de Berlim. Com ele está Michael (Mike) o seu companheiro. Axel quer que Michael conheça a sua família, mas não tem intenção de apresentá-lo como seu companheiro, muito menos afirmar-se como homossexual. Para Mike a mentira é sempre mentira, mas o espírito infantil de Axel não dita assim. Durante a refeição o irmão de Axel (Dietmar) embriaga-se. Também para ele a verdade devia vir ao de cima e desafia o seu irmão para um jogo, “Flaschedrehen” (verdade ou consequência). Prevendo as intenções do irmão Axel excusa-se deixando Dietmar a pressionar a sua mãe. A confusão que daí resulta deixa o Pai perplexo com a súbita violência de Dietmar. O Pai tenta acalmar Dietmar mas este enfurece-se e deixa a festa. Neste momento, Axel decide revelar-se. O pai ainda baralhado pela atitude de Dietmar não presta atenção a Axel. Quando finalmente pergunta a Axel o que ele tem para dizer, Axel perdeu a vontade e a coragem de falar. Mike está profundamente desapontado. A família diverte-se com uma sessão de fotografias. Parecem fazer tudo para encenar uma felicidade cheia de buracos. Depois disto Mike não conseguirá encarar a relação com Axel da mesma forma. ¶Flaschenderehen é assim uma not-coming-out story. É uma história acerca do medo de se encarar a verdade e de falar acerca dela. Fazer este filme foi particularmente importante para mim numa altura em que, apesar da Christopher Street Day e da crescente vocação de Berlim como cidade “tolerante”, os arredores da capital alemã e o estado envolvente de Brandenburgo, continuam a manifestar de novo de forma preocupante, sinais evidentes de intolerância.



FOTOCUIC

um filme de **Arlindo Horta**

24´, suporte original Betacam digital, suporte de exibição Betacam SP, cor, 2000

Realização e Argumento **Arlindo Horta**

Com **Alfredo Sobreira, Adelaide João, Camacho Costa, Carlos Santos, Constantino Guimarães, Paula Perdigão**

Dir. Fotografia **Leonardo Ribeiro Simões**

Engenheiro de Som **Armanda Carvalho**

Montagem **Helena Alves**

Montagem de som **Miguel Lima**

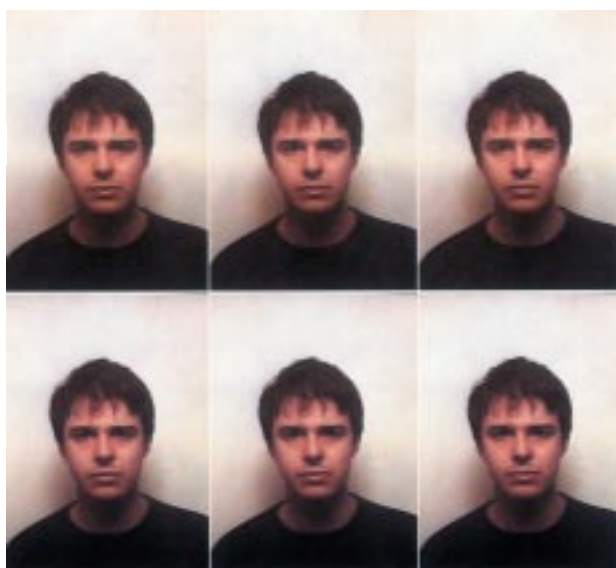
Misturas **Branco Neskov**

Produtor **Paulo de Sousa**

Director de Produção **José Brinco**

Coordenação de Produção **Ana Fernandes Costa**

o. 62



Nasceu a 9 de Julho de 1972. Fez o curso de cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema, na área de montagem. Trabalhou em anotação e montagem em diversas curtas e longas metragens. Participou em vários workshops de escrita e guionismo. É guionista para televisão.

“Fotocuic” é o seu primeiro filme.



FOTOQUIC Afonso é um vagabundo de sessenta anos, rosto bruto e cansado, invariavelmente bêbado e sujo, um homem habituado à solidão que tem por única companheira uma Gina (revista pornográfica) que lhe proporciona os breves e poucos momentos de prazer solitário em pequenos cubículos de wc's públicos mal lavados. ¶No entanto, Afonso procura todos os dias a companhia de Helena, uma velha vendedora de milho para os pombos com bancada permanente no Largo de S. Paulo, com o pretexto desta lhe contar o episódio da noite anterior da telenovela que Helena segue religiosamente. ¶Os breves encontros diários bastam para alimentarem em Afonso uma secreta paixão por Helena. Uma paixão secreta e sem esperança, que Afonso não acredita ser possível de concretizar nas actuais circunstâncias da sua condição. Desse amor de Outono Afonso guarda um único desejo: possuir uma fotografia de Helena, uma fotografia actual, para que ele possa ter para sempre a companhia dos seus olhos castanhos. ¶Como arranjar, porém, uma máquina fotográfica para tirar a Helena uma fotografia?



FRAGMENTOS DE SAL

Um filme de **Cristina Teixeira**

7', 3x4 Betacam SP, animação, cor, 2000

Realização, Argumento e Dialogos Cristina Teixeira

Animação Cristina Teixeira, Isabel Alves, Guilherme Vicente

Grafismo Computador Nuno Amorim

Som e Música Paulo Curado

Montagem Nuno Amorim

Produtores Nuno Amorim, Carmo Gelpi

Produção Animais Lda.

Co-Produção RTP

Financiamento ICAM, RTP, Animais Lda., Câmara Municipal de Sines,

Instituto de Camões; Fundação Luso Brasileira para o

Desenvolvimento do Mundo de Língua Portuguesa

o. 64



Cristina Teixeira, nasceu em 1967. Breve história pessoal - Com o seu background em pintura, frequentou ainda cursos de cenografia, teatro de sombras e de marionetas, cinema de animação e animação de volumes. Desde 1995 que é responsável por um curso de arte e design.

Experiencia X, 1998

Fragmentos de Sal, 2000

Prémio Especial do Jurí, Dervio International Animation Festival 2000

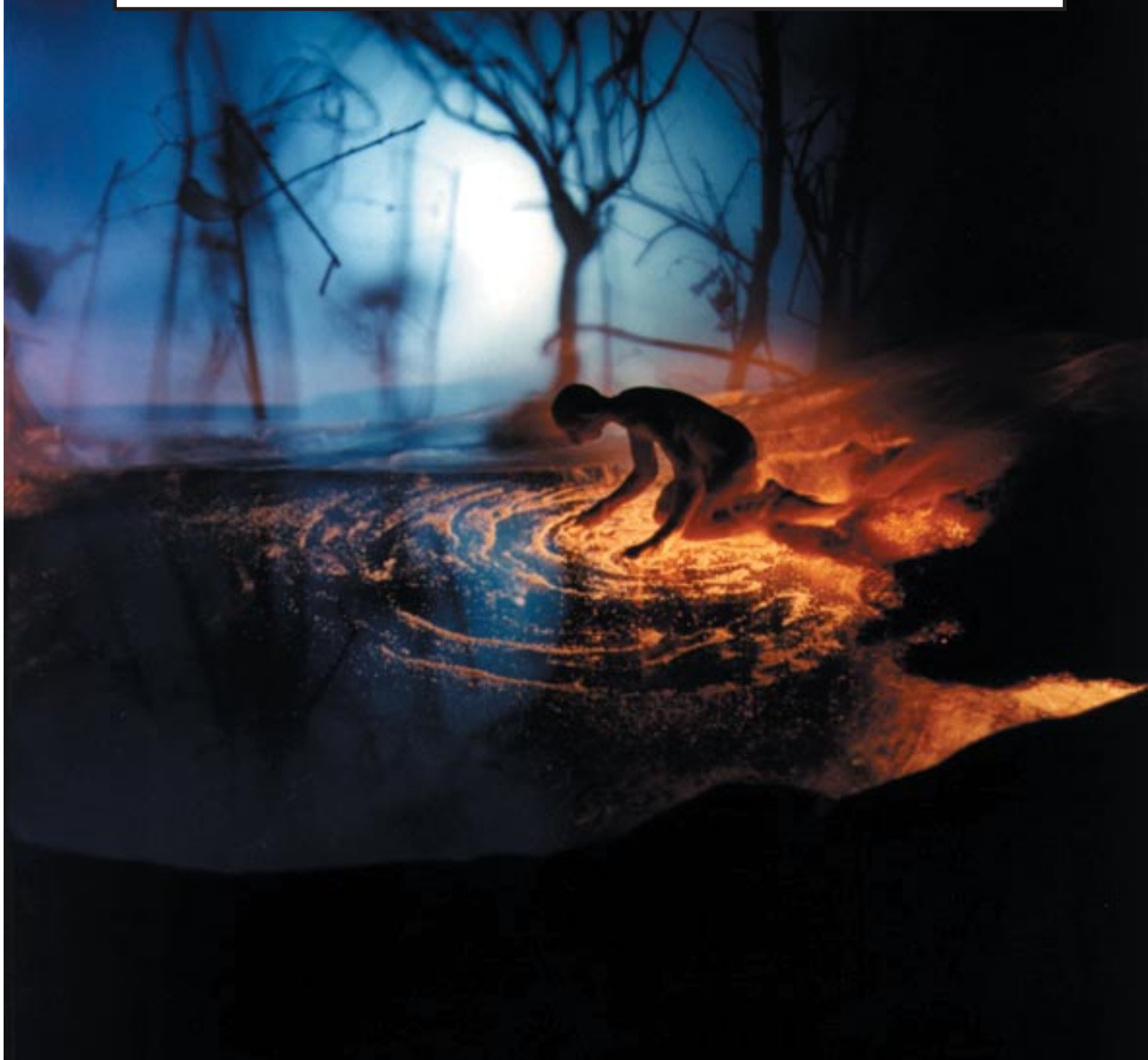
Prémio do Jurí, Caminhos do Cinema Português VIII , Coimbra 2001

Prémio Europeu Massimo Troisi, 2001 (Itália)



FRAGMENTOS DE SAL Este é um filme de animação em areia, nascido da poesia de Al Berto.

Num percurso solitário de procura da identidade e (de)encontro com o Outro, o “eterno viajante” de Al Berto descobre, no confronto com os elementos primordiais, a capacidade de criar e de dialogar com o mundo.



O FUNERAL

um filme de **Jorge António**

18', 16mm, p/b, 1992

Argumento e Realização Jorge António

Com José Wallenstein, Canto e Castro, Mena, Afonso Melo, Horácio Santos, Arnaldo Barão

Música Original Nuno Rebelo

Fotografia Daniel del Negro

Adereços Frederica Nascimento

Cenografia Luis Mesquita

Som Edinho Saaed e Francisco Veloso

Montagem Manuel Mozos

Chefe de Produção Joaquim Carvalho

Produção António Valente e Jorge António para J.A.V – Audiovisuais, Lda

o.66



Jorge António nasce em Lisboa a 8 de Junho de 1966. Durante os estudos secundários inicia uma actividade cineclubista e realiza uma dezena de filmes amadores em suporte 8mm e Super 8. Em 1985 ingressa na Escola Superior de Teatro e Cinema, especializando-se na área de Produção. Desde então está ligado ao cinema, televisão e vídeo, quer na área da produção, quer da realização. Trabalhou para Paulo Branco, Cunha Telles, Shots, Arca-Filme, Latina-Europa, Fundação Gulbenkian, Rosa Filmes, entre outros, portugueses e estrangeiros. Colaborou em diversos programas de televisão (Lusitânia Expresso, Pop-Off, etc.) documentários (Júlio Pomar, STCP, etc.), vídeos institucionais (ISG, Acarte, etc.) e publicidade (Grupo CP, Intermarché, etc.). Fomenta algumas publicações tais como: Revista de Cinema, Cinema em Português, Cartazes de Cinema, e colabora em outros projectos culturais em Portugal e no estrangeiro.

Em 1991 inicia-se na realização de cinema com a curta metragem,

O Funeral que estreia em Março de 94 no Cinema Quarteto. Em 1993 roda a primeira co-produção luso-angolana, *O Miradouro da Lua*.

Entre 1995 e 1999 vive em Luanda, onde se torna Produtor Executivo da Companhia de Dança Contemporânea, tendo produzido mais de 50 espectáculos em Angola, Portugal, Gabão, Camarões, Congo. Durante esse período realiza dois documentários para a Televisão Pública de Angola, dedicados ao trabalho da Companhia.

O Funeral (cm) 1991, Prémio Melhor 1ª obra, Fest. Int. Algarve, Portugal

O Miradouro da Lua (lm) 1993

Uma Frase Qualquer (doc) 1996

A Conspiração Solar do Padre Himalaya (doc) 2001

Outras Frases (em pós-produção/doc) 2001/2

Morte no Estádio (em produção – Sic Filmes) 2002



O FUNERAL A História deste filme é feita com amor.

Fernando, fotógrafo, vive com o pai, deficiente, com quem tem uma relação de indiferença.

Fernando tem uma estranha obsessão por Mena, sua ex-noiva, que trabalha numa boutique e vive com João. Fernando espia as suas vidas. Obsecado, fotografa-os e faz diversos telefonemas anónimos. Por fim, num acto de paixão provoca a morte de Mena e tenta o suicídio numa linha de caminho de ferro.



INTERSTÍCIOS

um filme de **Marina Graça** (sobre Magnificat BWV 243 de Johann Sebastian Bach)

Duração, 35 mm, animação, 2001

Realização, Animação, Desenhos, Operação de Programas e

Montagem Marina Graça

Música Magnificat BWV 243, 2º (Quia respexit humilitatem) e 3º

(Omnes generationes) andamentos Johann Sebastian Bach,

MUNCHENER BACH-ORCHESTER, MUNCHENER BACH-CHOR,

MARIA STADER (soprano) dirigidos pelo Maestro KARL

RICHTER, edição DEUTSCHE GRAMMOPHON

© 1962 (BWV 243)/1979, 419 466-2 10 G GA

Mistura final AUDIO CLIP

transferência para 35mm IMAGE FILM

secretariado Ana Vila Real

agradecimentos Carlos Boto, Cláudio Viegas, Ines Hardtke, Jessica

Langford, Jorge Bernardes, Luís Bernardes, Luzia Graça Soares,

Pantapoiein, Pedro Calado, Raquel Correia, Tentúgal

Produção Abi Feijó, Davide Freitas, Marina Graça

obra assistida financeiramente pelo ICAM – Instituto do Cinema

Audiovisual e Multimédia

Apoio Câmara Municipal do Porto, Digiboto

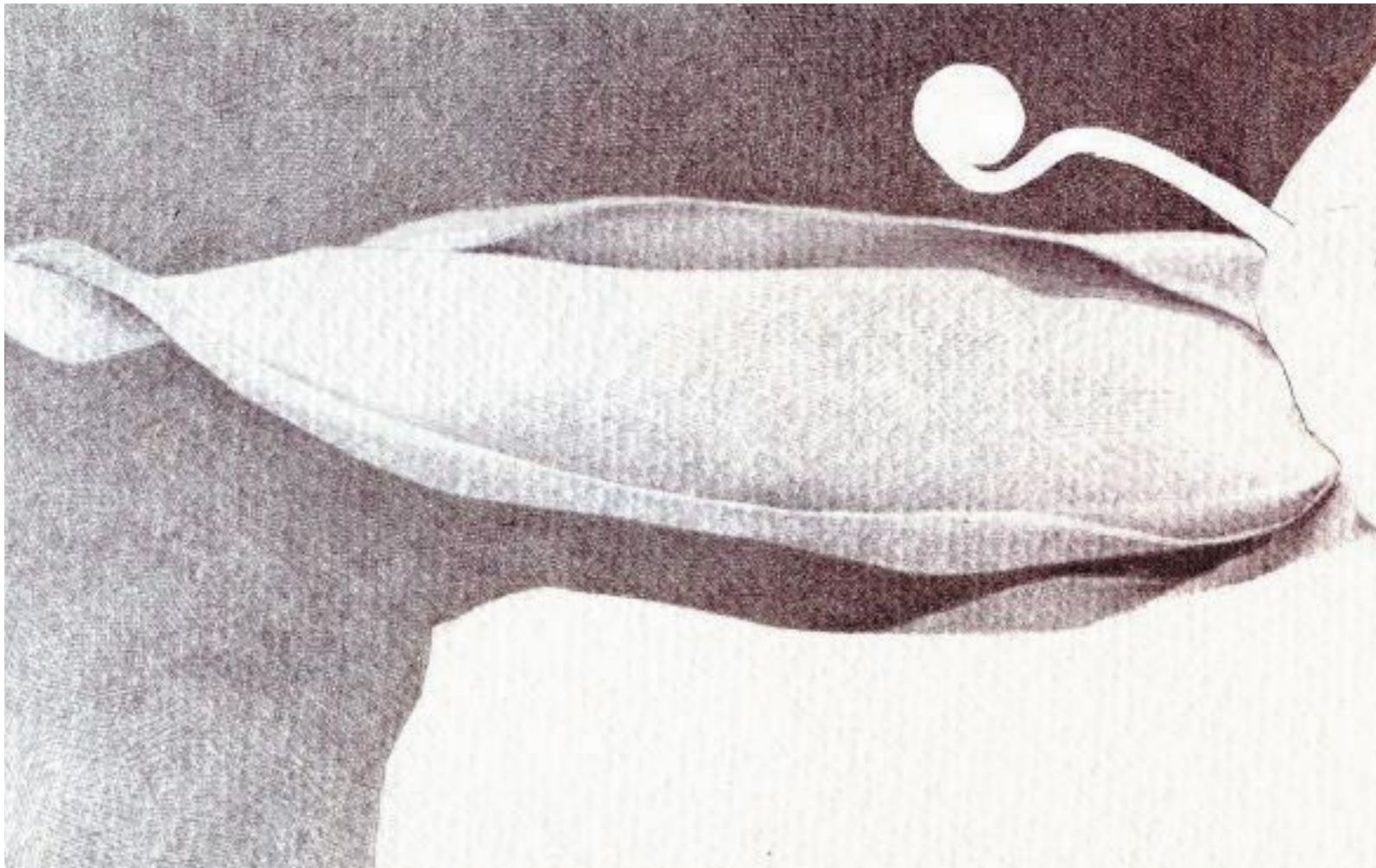
Uma co-produção © Filmógrafo / RTP 2001

o.68



Marina Graça. Nasci no Porto em 1956. Após a conclusão da Licenciatura em Design de Comunicação pela E.S.B.A.P., actual Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, e a participação em muitos estágios de animação, obtive uma bolsa a fim de frequentar o C.F.T. Gobelins, em Paris, então sob a direcção de Pierre Ayma. Prossegui os meus estudos em imagem animada na Universidade de Bolonha, em Itália, onde fui aluna nas disciplinas de Semiótica e Filmologia, sob a orientação dos Professores Umberto Eco e Omar Calabrese. Em 1990 concluí o Mestrado em Ciências da Comunicação no qual defendi uma tese em teoria da animação. Em 1992, na Universidade do Algarve, fiz parte do grupo que fundou o primeiro curso superior português com disciplinas de animação. Dirigi-o nos seus primeiros três anos. Actualmente estou a concluir um Doutoramento em Poética da Animação a fim de poder transformar o curso em departamento. Publiquei alguns artigos e colaborei em algumas produções portuguesas de animação. INTERSTÍCIOS é o meu primeiro filme.





INTERTÍCIOS Antes de ser linguagem fílmica ou, mesmo, arte plástica, a imagem animada é coreografia : relação geométrica e diacrónica entre elementos cujas formas se mantêm mais ou menos reconhecíveis entre fotogramas. É essa a motivação deste projecto.

LA REINE DU COQ-À-L'ÂNE

um filme de **Jeanne Waltz**

1999, 12', cor, 35mm, 1999

Argumento, imagem, montagem, produção, realização Jeanne Waltz

Com Isabelle Meyer, Robert Sandoz, Alexandre Straubhaar, Ueli Locher

Som e luz Joaquim Pinto, Nuno Leonel

o.70



Jeanne Waltz nasceu em 1962 na Suíça. Entre 1982 e 1988 foi gerente de uma pequena sala de cinema em Berlim. Entre 1983 e 1986 estudou na Freie Universitat. Desde 1989 vive e trabalha sobretudo em Portugal onde além da realização tem desenvolvido trabalho como argumentista e decoradora.

A Incubadora, 1994 28', 35mm

Morte Macaca, 1997 12', 35 mm

O Que Te Quero, 1998 12', 35mm

La Reine Du Coq-à-l'Âne, 1999 12', 35mm

As Terças da Bailarina Gorda, 2000 21', 35mm

Daqui P'ra Alegria, 2002 (longa, em preparação)



Prémios La Reine Du Coq-à-l'Âne: Genève Festival Cinéma Tout Écran, Prémio FR3 e Prémio SSA - melhor interpretação feminina para Isabelle Meyer.





LA REINE DU COQ-À-L'ÂNE Os 10 primeiros minutos duma mãe divorciada, quando o filho crescido sai de casa para ir viver e estudar com o pai. Sozinha na cozinha, Evelyne deixa-se engolir por passado e futuro, memórias e planos. O seu pequeno mundo abre-se fora do tempo, ela acende o forno com um fósforo que vai tirar da caixa 15 anos mais tarde...

À MARGEM

um filme de **João Carrilho**

12', 35mm, cor, 2001

Realização João Carrilho

Com Ana Enes, Paulo Patraquim, Rodrigo Aguilar

Argumento João Carrilho/Margarida Vaz

Fotografia Paulo Ares

Som Luis Botelho

Produtor Executivo Carlos Ramos

Montagem Sandro Aguilar

Assistente de Realização João Figueiras

Décors Cátia Barros

Produção O Som e a Fúria

o.72



João Carrilho nasceu em 1970.

Frequentou o curso de fotografia no ARCO e o curso de cine-vídeo na Escola Superior Artística do Porto. Produtor e realizador em áreas como video clip, spot TV design, Vj, com o projecto Dub Video Connection e Multimedia Designer de Espectáculos.

A curta metragem *À Margem* é o seu primeiro filme.

Prémio Onda Curta, Menção Honrosa do Júri (competição nacional) Vila do Conde 2001 e Prémio Jovem Realizador no Festival Imago da Covilhã





À MARGEM Um casal e o filho, uma casa à beira do lago, um mergulho ao fim da tarde. Algo inesperado acontece.

MASKEN

um filme de **Eduardo Condorcet**

30', formato de rolagem DV Cam, formato de exibição Betacam SP, 2001

Argumento, Montagem e Realização Eduardo Condorcet

Com Eberhardt Kirchberg, Karin Düwel, Florian Müller-Morungen, Baki Davrak, Annika Blendl

Imagem Jana Marsik

Som e Misturas Holger Lehmann

Produtor Julian Schwantes

Produção Executiva (ORB, Arte, MDR) Cooky Ziesche, Barbara Häbe, Wolfgang Vogt

o.74

Eduardo Condorcet nasceu em Coimbra em 1972. Licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa em 1995, obteve o grau de Master of Arts in Film na Leeds Metropolitan University (Reino Unido) em 2001, com uma tese dedicada à Narrativa e Novos Media. Começou a trabalhar como músico e actor na Comuna Teatro de Pesquisa. Desde 1996 que, enquanto realizador e argumentista, realizou e/ou escreveu mais de trinta trabalhos comerciais de Vídeo e Televisão e seis filmes de ficção (Jigsaw, Cigarette, Sinful, Diagnose, Flashendrehen, Masken), tanto em Portugal, como no Reino Unido e Alemanha, tendo também encenado e/ou escrito três peças de teatro (O País sem Sons, Ulisses e Black Comedy) e produzido a primeira Conferência de Arte e Tecnologia, organizada pela Aula do Risco. Desde 1997 que, adicionalmente, se tem dedicado ao estudo, prática e ensino de Escrita de Conteúdos Interactivos, tendo colaborado na concepção do CD-Rom "Taeuber" - em desenvolvimento por Coquille Media - em Edimburgo (R.U.); participado nos seminários "SAGA's", em Munique (R.F.A.) e ensinado Escrita Interactiva para Produtos Off-Line, Web e Televisão Interactiva; Argumento TV; Argumento para Cinema e Teoria da Televisão, para diversas universidades e outras instituições de ensino, incluindo: Escola Superior de Teatro e Cinema; Escola de Artes da Universidade Católica Portuguesa (Porto); Universidade Autónoma de Lisboa; TV Cabo e Aula do Risco.

2001 "Masken" Produção: ARTE/ORB/MDR/HFF (D)

2000 "Flashendrehen"; Produção: HFF - Potsdam-Babelsberg (D)

1999 "Diagnose" Produção: HFF/Eduardo Condorcet (D/P)

1998 "Sinful"; Produção: NSFTV/YTV-Leeds (UK)

1998 "Cigarette"; Produção: NSFTV/YTV-Leeds (UK)

1996 "Jigsaw"; Produção: FCSH/Napier (P/UK)

1995 "Maio"; Produção: Independente/Eduardo Condorcet (P)





MASKEN É carnaval. Há quem queira usar máscaras. Há quem já não consiga. ¶ Ralf e Bea Maurer são um casal de meia idade que saíu de fim de semana para a sua datcha, nos arredores de Berlim. Bea sente que o casamento de ambos está em ponto de ruptura e precisam de falar. Ralf não admite os problemas do casal e não se dispõe a dialogar. ¶ Durante um passeio pela floresta o casal é assediado por dois mascarados. Como resultado da humilhação a que são expostos, Ralf é forçado a retirar a sua “máscara” e a falar. Ao fazê-lo pensa que está a salvar o casamento, mas pode ser tarde demais.



A MENINA DOS MEUS OLHOS

um filme de **Isabel Rosa**

25', 35 mm, cor, 2001

Argumento Vicente Alves do Ó/Isabel Rosa

Com Inês Vaz, Marco Almeida, Maria Antónia Viana, Marçal Godinho

Realização Isabel Rosa

Assistente de Realização Olga Ramos

Fotografia Vítor Estevão

Som José Gonçalves

Decoração Adrian Thatcher

© Filmes do Tejo/RTP 2001

o.76



Isabel Rosa nasce em Paris a 17 Junho de 1968, e entre 1986 e 1994 trabalha como assistente de imagem nalgumas produtoras, assumindo depois as funções de TV Producer na TBWA.EPG e GUERREIRO DDB. Em 1998 parte para Nova Iorque para frequentar na New York Film Academy – Advanced Directing Workshop, onde realiza uma curta metragem de 13'. De regresso a Portugal inicia-se na realização de filmes publicitários para a produtora Shots e posteriormente para a Quimagem.

“A Menina dos Seus Olhos” é a sua primeira curta metragem.





A MENINA DOS MEUS OLHOS No meio do Alentejo, uma jovem rapariga míope aprende a viver ao som da Natureza. Os seus dias são cheios de significados que ela encontra nas plantas e nas palavras elaborando quadras no ar... Reencontra Jacinto... Desloca-se à vila para a compra do vestido de noiva e... Tudo se altera.



NO STANDING EXCEPT WIND

um filme de **Rita Figueiredo**

10', p/b, 16mm, 2001

Realização, Montagem e Som Rita Figueiredo

Com Noel T. Coughlin, Tatjana Novak, Janice Orlandi e David Marion

Imagem Yve Legler e Rita Figueiredo

o.78



Rita Figueiredo nasceu em Lisboa em 1977.

Tirou um curso de Artes Plásticas na Middlesex University, em Londres, onde se dedicou principalmente às áreas de vídeo, gravura e fotografia.

Em 2000 realiza o vídeo "Dinosaur Tracks", que esteve presente no Concurso "Jovens Criadores" e no Festival "Raindance" em Londres.

Em 2001 recebe um subsídio para estudar na New York Film Academy, onde realiza a sua primeira curta-metragem em 16mm "No Standing Except Wind", presente no "Festival de Curtas Metragens de Vila do Conde"; no "Festival Tous Courts" em Aix-En-Provence; e no "Fantasporto".





NO STADING EXPECT WIND Noel, um homem de 70 anos. Um dia estranho. Acredita que as coisas simples importam. O movimento das coisas, as suas direcções e como se intersectam. As ruas de Nova Iorque Noel segue pistas, imagens e sons por horas e horas à espera que o levem a algum sítio diferente

O NÚMERO QUE MARCOU NÃO SE ENCONTRA ATRIBUÍDO

um filme de **António Duarte**

23', formato de rolagem Betacam digital, formato de exibição Betacam SP, cor, 2001

Realização António Duarte

Com Diogo Dória, Maria João Luís, Alfredo Sobreira,
André Gomes, Carlos Valente

Argumento António Duarte

com a colaboração de Paulo de Sousa e Leandro Ferreira

Dir. Fotografia Leonardo Ribeiro Simões

Engenheiro de Som Quintino Bastos

Montagem Helena Alves

Misturas Branco Neskov

Operador de Steadycam Jacques Monge

Produtor Paulo de Sousa

Coordenação de Produção Ana Fernandes Costa

Filme apoiado pelo MC/ICAM

Uma co-produção Continentalfilmes/RTP

o. 80



António Duarte nasceu em 1972. Em 1993/1994 fez o curso de design e animação por computador do INESC. Em 2000 frequentou o workshop de realização de NYFA em Nova Iorque. Trabalha como copy writer em agências de publicidade. Em 2001 realizou “O número que marcou não se encontra atribuído”.

Uber Liebe, 5', 16mm, preto e branco

Maldição, 12' ', 16mm, preto e branco

O Número que Marcou não se Encontra Atribuído, 25', vídeo, cor





O NÚMERO QUE MARCOU NÃO SE ENCONTRA ATRIBUÍDO Víctor, um fotógrafo de cerca de 40 anos vive com o pai agorafóbico. Opressor, o pai afastou-o para longe de qualquer felicidade. Os únicos elos que Víctor tem com o mundo são a alegria que fotografa nos outros e Júlia, com quem se corresponde há algum tempo. No primeiro encontro Víctor conhece Júlia pessoalmente, no segundo descobre o segredo dela: o marido, Fernando, um paraplégico que confronta Víctor com a sua falta de liberdade e com uma existência privada de experiência. ¶ Víctor vê o caminho a seguir e segue-o, até se encontrar de novo sentado, apaixonado, numa mesa de café, esperando Júlia.



POR ENCANTO – NOTAS DE OUTONO

um filme de **Carmen Castello-Branco**

5'30'', 35mm, cor, 2001

Realização e Montagem Carmen Castello-Branco

Com Ana Caldas e Raimundo Aires

Produção Pedro Caldas

Montagem de Som Raquel Jacinto

Mistura Luc Thomas

Produção Luz e Sombra

o. 82

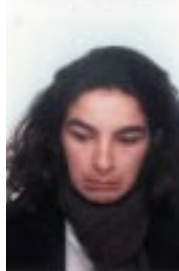


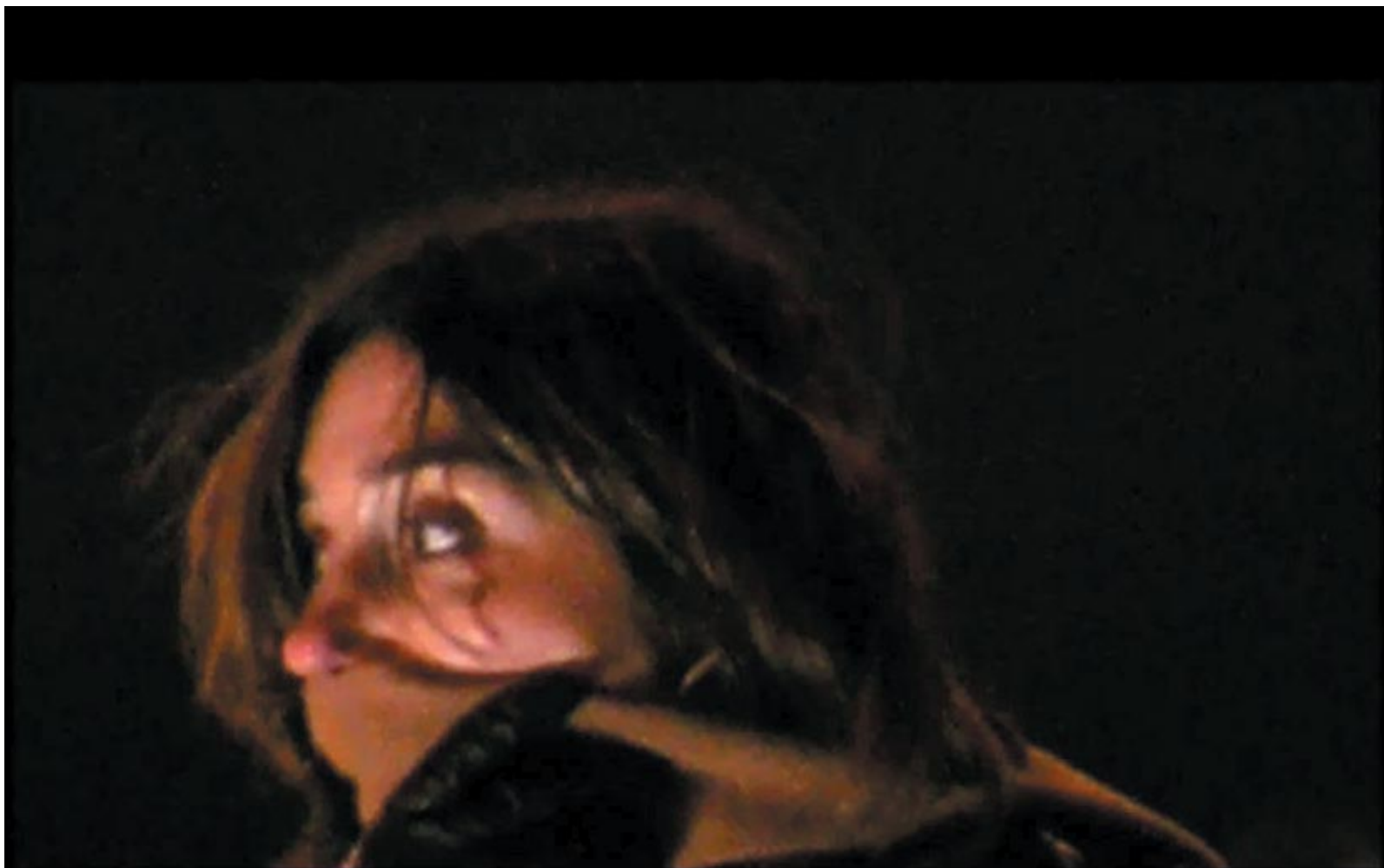
Carmen Castello-Branco nasceu em Moçambique em Agosto de 1974.

Curso de Desenho no AR.CO .

Curso de História e Teoria da Arte no AR.CO

Por Encanto – Notas de Outono é o seu primeiro filme.





POR ENCANTO - NOTAS DE OUTONO Na rua. Uma passadeira. Muitas pessoas. Olho. Sinal vermelho. Espero. Esperam. ¶Olham, escutam e esperam. Falam e olho, em silêncio. ¶Como um dia qualquer. Como ontem. ¶Amanhã também. ¶Sinal verde. Corta.



QUE TENHAS TUDO O QUE DESEJAS

um filme de **Pedro Caldas**

12', 35mm, cor, 2001

Realização Pedro Caldas

Com Filipa Castro e Victor Gonçalves

Imagem Isabel Aboim

Som Luís Botelho/Mafalda Roma

Mistura Benoît Biral

Produção Carmen Castello-Branco

Coreografia David Fielding

Música Victor Afonso

Uma produção Luz e Sombra

o. 84

Pedro Caldas é formado pela ESTC. Trabalhou como operador de som em diversos filmes. Foi director de produção em várias peças de teatro de Jorge Silva Melo.

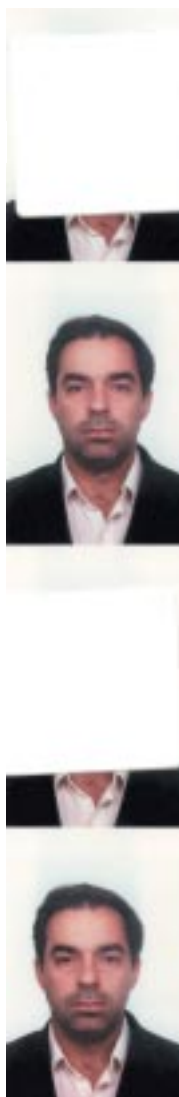
Entrada em Palco (doc.) 1997

É Só Um Minuto (cm) 1998

O Pedido de Emprego (cm) 1999

Boris e Jeremias (cm) 2000

Que Tenhas Tudo O Que Desejas (cm) 2001





QUE TENHAS TUDO O QUE DESEJAS Junho de 1995. Os amigos de Fernando oferecem-lhe um jantar para o homenagear pela sua coragem: — ele ofereceu-se como voluntário para uma missão na Bósnia. Continuam a festa no Bairro Alto. Mas nessa noite o Bairro Alto sofre uma razzia de skinheads. Um negro é morto.



TÁXI

um filme de **Isabel Aboim**

7´37´´, Betacam SP, cor, 2001

Realização, Concepção Plástica, Argumento Isabel Aboim

Animação Nuno Beato, Rui Horta Pereira, Teresa Almeida

Pintura Carlota Flieg

Montagem Isabel Aboim e Nuno Amorim

Música e Som Emidio Buchinho

Vozes Filipe Duarte, Canto e Castro, Patricia Bull

o. 86



Isabel Aboim nasce em 1971. Forma-se em realização e imagem na ESTC. Inicia a actividade no cinema de animação em 1986 na escola secundária e no CITEN da Fundação Calouste Gulbenkian onde actualmente é monitora. Os seus interesses estendem-se para a fotografia e luz em teatro, onde trabalha paralelamente à sua actividade cinematográfica.

Exito!, 1986, 3´30´´, F.C.G.

Ecce Canis, 1988, 2´30´´, F.C.G.

De Cabeça Perdida, 1999, 18´, 1999, Animais

Táxi!, 2001, 7´37´´, Animais





TAXI Esta é a história de uma viagem fantástica por Lisboa a bordo do táxi 00.



VENUS VELVET

um filme de **Jorge Cramez**

16', 35 mm, cor, 2001

Argumento e Realização Jorge Cramez

Com Ricardo Aibéo, Ana Brandão, Ana Moreira, Cláudio da Silva

Fotografia Inês Carvalho

Som Pedro Melo

Montagem Pedro Marques

© Filmes do Tejo/ RTP 2001

Jorge Cramez, nascido em Angola a 23 de Abril de 1963, licenciou-se em comunicação social no ano de 1988. No ano seguinte estagiou 6 meses na Cinemateca Portuguesa. Entre 1991 e 1994 frequenta o curso de cinema na área de montagem da Escola Superior de Teatro e Cinema. Trabalhou como anotador e assistente de realização de realizadores como Teresa Villaverde, João César Monteiro, Jorge Silva Melo, José Álvaro Morais, Joaquim Leitão, João Mário Grilo, Fernando Lopes, Werner Schroeter entre outros.

Desvio, 1994, (co-realizado com Paulo Belém)

Para Matar o Tempo, 1996

Erros Meus, 2000

Venus Velvet, 2001









































VENUS VELVET conta-nos uma história de amor que dura o breve tempo que antecede a queda de um cometa, é portanto uma história de amor que existe sob a hipótese do fim do mundo. ¶Venus velvet é um bar, numa qualquer cidade, num tempo indefinido. ¶Leonel, o seu gerente, organiza uma festa na noite em que os astrónomos prevêem a queda do cometa Toutatis. na ressaca da festa, são os minutos que antecedem a possível queda do cometa. ¶No bar ficam quatro jovens amigos. ¶Leonel fica porque da vida pouco mais quer do que beber cerveja e “snifar” cocaína; estado de espírito que é o resultado de uma, aparentemente eterna, desilusão amorosa. Sabe que Catarina gosta dele, mas sempre se fez desentendido. ¶Catarina fica porque da vida só quer a atenção de Leonel e isso ela consegue nessa noite, ainda que fugazmente. É um sonho que dura o tempo de uma ilusão criada pela proximidade do cometa. ¶Catarina descobre nessa noite que no amor não existem milagres. Foi uma paixão breve, mas intensa e mortal para as esperanças de Catarina. ¶Jorge e Marta ficam porque se amam e acham poético a ideia de morrerem juntos e felizes sob uma bola de fogo. ¶No fim, nada será como dantes.































































Curtas Metragens Portuguesas

1999

	Eugénia Mota Performer	Francisco Camacho Coreógrafo	Manuela Serra Cineasta	Sofia Pereira Secretária de Produção	Manuel Ferreira Chaves Arquiteto	Cristina Pinto Produtora de Espectáculos	Celso Junior Director do festival Gay e Lésbico de Lisboa	Isabel Colher Conseleira e Restauradora de Azeiteiros	Heitor Fonseca Artista Plástico	Gonçalo Praça Antropólogo	Pedro Castro Silva Violinista	Ana Bolema Fotógrafa
SWK4 de Edgar Pêra Fic., 33´, 35mm, 1993	.				
UMA VOZ NA NOITE de Solveig Nordlund Fic., 9´29´´, 35mm, 1998	.	.					.	
É SÓ UM MINUTO de Pedro Caldas Fic., 13´37´´, 35mm, 1998		.		.	.		
O QUE FOI? de Ivo Ferreira Fic., 12´, 35mm, 1998, (1ª exibição pública)	.			.			
A TESTEMUNHA de Fátima Ribeiro Fic., 15´, 35mm, 1998		.		.	.			
ESTOU PERTO de Sandro Aguilár Fic., 15´, 35mm, 1998	.	.	.				.	
A FACHADA de Júlio Alves Fic., 12´, 35mm, 1995			.	.	.	
LOURENÇO ON THE BEACH de Ruy Otero Fic., 30´, Betacam SP, 1998, (1ª exibição pública)			
HISTÓRIA SEM INTERESSE de Wilson Siqueira Fic., 12´30´´, 35mm, 1998		.			
O CLANDESTINO de José Laplaine Fic., 15´, 35mm, 1996	.		.		.	.	.	
O QUE TE QUERO de Jeanne Waltz Fic., 11´, 35mm, 1998	.		.	.	.		.		.			

2000

-9 de Rita Nunes Fic., 12´, 35mm, 1997	.	.	.		.	.	.			.		
PORQUE É QUE EU NÃO DISSE NADA? de Miguel Seabra Fic., 9´, 35mm, 1999,(1ª exibição pública)		.			
GOLPE DE ASA de António Borges Correia Fic., 12´, 35mm, 1998		.					.	
NUM PISCAR DE OLHOS de José Gouveia Fic., 20´, 16mm, 1998			
PARABÉNS de João Pedro Rodrigues Fic., 15´, 35mm, 1997	.		.						.		.	.
O RALO de Tiago Guedes e Frederico Serra Fic., 14´, 35mm, 1999	.							
A NOITE CHEIRAVA MAL de Paulo d´Alva Ani., 6´, 35mm, 1998	.			.		.	
14 SEGUNDOS E UM TICO NO CAMINHO PARA A ESCOLA de Marco Martins Fic., 23´, 35mm, 1999		.		.	.		.	.	.		.	.
CHUVA de Luís Fonseca Fic., 15´, 35mm, 1999	.			.	.	.		.
CINEMAAMOR de Jacinto Lucas Pires Fic., 18´, 35mm, 1999	.		.		.	.		.	.	.		.
A SUSPEITA de José Miguel Ribeiro Ani., 26´, 35mm, 1999	.	.	.			.		.	.			.
O PEDIDO DE EMPREGO de Pedro Caldas Fic., 8´, 35mm, 1999		.					.		.		.	.
ENTRETANTO de Miguel Gomes Fic., 25´, 35mm, 1999		.			.		.	.	.		.	.

2001

UM DIA NA VIDA
de Alvaro Garcia de Zuniga
Fic., 12´, 35 mm, 1999

ENTRE NÓS
de Margarida Cardoso
Fic., 19´48´´, 1999

AS TERÇAS DA BAILARINA GORDA
de Jeanne Waltz
Fic., 22´, 35mm, 1999 (1ª exibição pública)

ALFERES
de Júlio Alves
Fic., 16´, 35mm, 2000 (1ª exibição pública)

A NOITE
de Regina Pessoa
Ani., 6´35´´, 35mm, 1999

RESPIRAR (DEBAIXO D´ÁGUA)
de António Ferreira
Fic., 45´, 35mm, 2000 (1ª exibição pública)

1975
de Manuel João Águas
Fic., 13´, 35mm, 2000 (1ª exibição pública)

ANJO NEGRO
de Carlos Braga
Fic., 13´, 35mm, 2000

BLACK & WHITE
de Daniel Blaufuks
Fic., 21´, 35mm, 2000

BORIS E JEREMIAS
de Pedro Caldas
Fic., 16´, 35mm, 2000

CLANDESTINO
de Abi Feijó
Fic. 7´32´´, 35mm, 2000

CONTRA RITMO
de João Figueiras
Fic., 12´, 35mm, 2000

CORPO E MEIO
de Sandro Aguilár
Fic., 25´, 35mm, 2000

À DERIVA
de Miguel Seabra Lopes
Fic., 13´, 35mm, 2001 (1ª exibição pública)

A DROGARIA
de Elsa Bruxelas
Fic., 24´, 35mm, 2000

ERROS MEUS
de Jorge Cramez
Fic., 15´, 35mm, 2000

HISTÓRIAS DESENCANTADAS
de Vitor Lopes
Fic., 8´, 35mm, 2000

HORA D´ALMOÇO
de Raquel Jacinto
Fic., 11´, 35mm, 2000 (1ª exibição pública)

INVENTÁRIO DE NATAL
de Miguel Gomes
Fic., 23´, 35mm, 2000

OLHÓPASSARINHO
de José Sacramento
Fic., 16´14´´, 35mm, 2000 (1ª exibição pública)

O PASSEIO
de Cristina Hauser
Fic., 8´30´´, 35mm, 2000

RETRATO EM FUGA
de Nuno Carinhas
Fic., 7´, 35mm, 2000

RIO VERMELHO
de Raquel Freire
Fic., 17´, 35mm, 2000

SEM MOVIMENTO
de Sandro Aguilár
Fic., 17´, 35mm, 2000

Eugénia Mota
Performer

Francisco Camacho
Coreógrafo

Manuela Serra
Cineasta

Sofia Pereira
Secretária

Manuel Ferreira Chaves
Arquiteto

Cristina Pinto
Produtora de Espectáculos

Calvo Junior
Director do festival Gay e Lésbico de Lisboa

Isabel Colher
Conservadora e Restauradora de Azulejos

Heitor Fonseca
Artista Plástico

Gonçalo Praça
Antropólogo

Pedro Castro Silva
Violinista

Ana Bolema
Fotógrafa

curtas
metragens
portuguesas

[c onversas

com] edgar pèra
fátima ribeiro
ivo m. ferreira
jeanne waltz
joão pedro rodrigues
josé gouveia
júlio alves
pedro caldas
rita nunes
ruy otero
sandro aguiar
wilson siqueira



forum lisboa de 19 a 29 de abril de 2001



3^o Curtas metragens portuguesas



pierre braunberger e a nouvelle vague

Histoires Courtes et Longues
Franco-Portugaises

21.11.2000 → 05.12.2000



curtas metragens
portuguesas II

PROGRAMA DE CINEMA